

Era Uma Vez...
BRASIL



outro

LADO

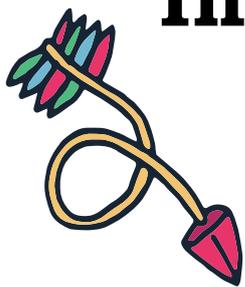


História

Era Uma Vez...

BRASIL

Índice



UUBUN

INTRODUÇÃO	6
CURADORIA	6
SOBRE O PROJETO.....	7
TERRITÓRIOS	8
QUILOMBO VELAME	8
QUILOMBO QUINGOMA	9
QUILOMBO DO BARRO BRANCO.....	10
POVOS KAINGANG, TERENA, TUPI-GUARANI E NHANDÉWA	10
POVO XUKURU.....	11
POVOS TUPINAMBÁ, FULKAXÓ KARIRI XOCÓ E FULNI-Ô.....	11
DEPOIMENTO DOS PROFESSORES	12

BELO JARDIM PERNAMBUCO

ANA CLARA DOS S. RAMOS LOPES.....	16
ANA LAYLA MORAES DE BARROS	17
CAMILE BRASILIANO DOS SANTOS	18
CARLOS EDUARDO DOS S. P. FILHO	19
EMILLY NASCIMENTO DE MORAES.....	20
EMILLY VILLENA DA SILVA GOMES	21
GIOVANNI PIETRO DA SILVA SIMPLÍCIO ..	22
ISAC EMANUEL B. DOS SANTOS.....	23
JASMINE NAYARA SOUSA DA SILVA.....	24
KAUANE VITÓRIA DOS S. ANDRADE.....	25
LETÍCIA BORGES DA SILVA SOUZA	26
LIVIA CAROLAYNE DA CONCEIÇÃO.....	27
MAIANNE LARISSA E. DOS SANTOS.....	28
MARIA CLARA BARBOSA DE OLIVEIRA ...	29
MARIA ISABELLA TORRES PAIXÃO.....	30
MARIA TAILANE SILVA DE ARAÚJO.....	31
RAFAEL DE ARAÚJO SILVA MONTEIRO...	32
SAYONARA DA ROCHA BEZERRA.....	33

STEFANY MARINA DE O. RAMOS	34
YASMIM SENA DE CARVALHO	35

LENÇÓIS PAULISTA e MACATUBA SÃO PAULO

TAYNÁ VITÓRIA DE LIMA.....	37
BEATRIZ VITORIA F. M. EVANGELISTA ...	38
EDUARDA FERREIRA DE SOUZA.....	39
EMANUELLE MENDES COLDIBELI	40
ERIKA MARIANA CARDOSO.....	41
EMILY LOURENÇO DIAS	42
EROS AMERICO DE O. DA SILVA.....	43
KAMILLY NICOLI LUCIANO	44
PAOLA OLIVEIRA LIMA	45
FELIPE CÉSAR DOS SANTOS.....	46
JOÃO EDUARDO M DOS ANJOS	47
JÉSSICA DE FREITAS	48
POLIANA APARECIDA DE SOUZA	49
EMANUELLE FIDELY ALVES DA SILVA ...	50
LORENA LOPES GONÇALVES.....	51
MARIA FERNANDA KAMIMURA	52
ELLEN BEATRIZ SIMOES	53
GIOVANA CLARA PEREIRA	54
ANA BEATRIZ OLIVEIRA SOUZA.....	55
JULIA AKIANE SILVA DIAS	56
MARIA EDUARDA DE MOURA RINALDI ...	57

JACOBINA BAHIA

JENIFFER ALMEIDA DA SILVA	59
DEIVSON GABRIEL SOARES.....	60
MARINA OLIVEIRA DOS SANTOS.....	61
DANIEL ARAUJO DE SANTANA.....	62
DAVID OLIVEIRA DIAS VIEIRA.....	63
DAVID OLIVEIRA DIAS VIEIRA.....	63

N T B D A G A L

MARIA FERNANDA DA SILVA LIMA	64
LÍDIA VITÓRIA DOS A. BARBOSA	65
MARIA CLARA S. DE O. LOPES	66
HELOISA SOARES SOUSA	67
JENNIFER GABRIELE FRANÇA MOTA	68
ISABELA XAVIER DOS SANTOS	69
KETHILLY CABRAL DA SILVA	70
ALICE MOREIRA DE JESUS	71
ÍCARO GABRIEL SANTOS SALES	72
INGRDY DE SOUZA SILVA	73
KAUANNY FIGUEREDO DA SILVA	74
MÁRIO ANTÔNIO VIEIRA DE SOUZA	75
ISAMARIANE ALCANTARA DA SILVA	76
DEIVISON SOARES SAMPAIO	77
FRANCIELE GOMES BENEVIDES	78

RIBEIRÃO PRETO

SÃO PAULO

GABRIELA GALVÃO MONDIN	80
JOÃO MARCOS DE SOUZA NERGES	81
WENDEL EDUARDO DE LIMA	82
KAUAN BRAYAN MATTOS DA SILVA	83
PENELOPE DE O. MASTROMAURO	84
GEOVANA SILVA DE FARIAS	85
GUSTAVO VENDRUSCULO C. SILVA	86
RYANNA CRISTINA DOS S. PEREIRA	87
GLAYCE VITÓRIA LOPES SOBRINHO	88
PRISCILA MOREIRA LOPES	89

SERRANA

SÃO PAULO

HELOISA DE SOUZA ALVES	91
NATHALY SANTOS LIMA	92
EMELY CARNEIRO SERAFIM	93
FERNANDA CORREIA MENEZES	94
LAVYNYA LACERDA SANTIAGO	95

MAISA IASMIM DA SILVA DE MEIRE	96
MARIA VITÓRIA NUNES DE BRITO	97
MIKAELLY JEMIMA BATISTA BASAGLIA ..	98

SALVADOR

BAHIA

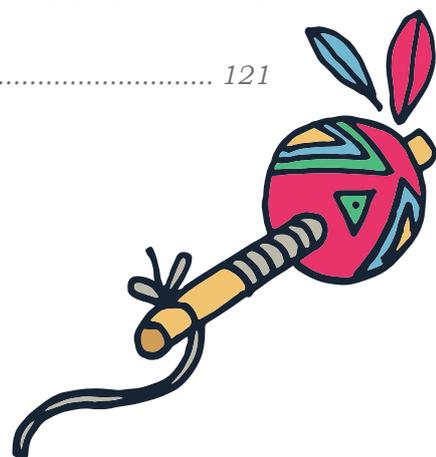
MYLEIDE DOS SANTOS LIMA	100
THIERRY HENRY SILVA DE JESUS	101
DAUDI AKIL DA SILVA SANTOS	102
MELISSA SILVA GONÇALVES	103
RENATA ALVES MONTEIRO	104
AMANDA BARTELES MELO BATISTA	105
MARIA CLARA SANTOS RIOS	106
EMILLY KEVELLYN SANTOS SOUZA	107
KAUÃ SOUSA LOPES	108
CAUÃ REIS DOS SANTOS	109
CARLOS SOUZA CORREIA	110
KETHELEN RODRIGUES DE JESUS	111

MATA DE SÃO JOÃO

BAHIA

JULIA DE OLIVEIRA CONCEIÇÃO	113
JÚLIA CAVALCANTE LOPES	114
MARIA ELISA ZOE JESUS SOUZA	115
MAIARA DE JESUS SANTOS	116
MATEUS ALMEIDA R. DE SOUZA	117
KENNEDY SOUZA DOS SANTOS	118
JOABE SILVA DOS SANTOS NERY	119
EMANUELE MOURA RODRIGUES	120

CRÉDITOS	121
-----------------------	-----





Introdução

Em 2022, o projeto “Era uma vez... Brasil” convidou cada um(a) dos(as) seus(as) jovens participantes a refletirem o contraste deixado pelo período colonial. De um lado, D. João sendo exaltado por ser o responsável pelas intensas transformações no Brasil colônia, do outro, as pessoas que foram profundamente impactadas por esse processo. Quem são esses homens e mulheres que permaneceram “invisibilizados” pela história? Para responder essa questão, os(as) jovens contaram com a orientação de seus(as) professores(as) de História, que experienciaram vivências e debates acerca da temática indígena e afro-brasileira, junto com o contexto presente na obra “1808” de Laurentino Gomes. Mais uma vez, o resultado desse mergulho na História do Brasil, e do convite à reflexão com base nas questões “suleadoras”, está presente nas Histórias em Quadrinhos (HQs) desta obra que, por opção pedagógica e editorial, teve dispensada a revisão ortográfica das produções, mantendo, assim, os trabalhos da forma como os(as) jovens os produziram e enviaram para o projeto.

Boa leitura!



Curadoria

A curadoria deste ano buscou agregar conhecimentos e pontos de vista diferentes para o debate e construção do conhecimento em torno do EUVB. Com esse desejo, pautamos as formações e trocas com os professores e professoras inseridos no processo, de maneira que pudéssemos abarcar uma gama de saberes diferentes, porém complementares. Tivemos, assim, a contribuição do curador Senakpon Kpoholo, que abordou temática que relacionava a história do Brasil com a história do continente africano, tendo especial atenção às infinitas aproximações entre esses dois universos. O curador Alan Apurinã desenvolveu as suas formações em torno de um tema urgente, ontem e hoje, para a sociedade brasileira: a questão indígena e todas as reverberações históricas que esse assunto traz. A curadora Mayara Santos procurou dar enfoque ao protagonismo da população negra brasileira ao longo da história. Para tanto, ela trouxe ao centro do debate a trajetória de homens e mulheres

negras que, com a negação do reconhecimento de suas lutas e significados para o povo negro, tiveram suas vidas apagadas da chamada “história oficial”. Ao fim desse percurso, entendemos que a curadoria conseguiu atingir o seu principal intento ao provocar, debater e desenvolver uma nova forma de ver, entender e fazer a História do Brasil, ao privilegiar abordagens que deram centralidade a homens e mulheres que historicamente foram relegados da história oficial do nosso país. Sendo assim, sigamos. Pois, se já fizemos muita coisa, outras tantas ainda hão de se fazer.

Vida longa ao EUVB!!!



Sobre o projeto

O livro como base do saber. Essa foi a primeira inspiração para a criação do projeto “Era uma vez... Brasil”. Ao elaborar o projeto, o objetivo era ampliar o acesso de estudantes de escolas públicas a atividades culturais com um olhar cuidadoso sobre a história, com foco no período de 1808, um marco para a formação do Estado brasileiro. Mas a ideia não seria apenas estimular o estudo, a leitura, a escrita e a pesquisa. Era preciso relacionar os fatos do passado com o presente, era preciso repensar a nossa identidade e costumes atuais. As oficinas de audiovisual e História em Quadrinhos (HQ), junto com as vivências em comunidades indígenas e quilombolas, foram desenhadas para propiciar as condições para a reflexão e a vivência dessa história, para estimular a criatividade e a criticidade. Os resultados dessa experiência vocês podem conferir nesta edição. Ao longo de 2022, transbordaram ricos diálogos e histórias de vida. Cultura, educação e convivência caminharam juntas, e a arte foi um elemento transformador para professores e estudantes. E nada melhor que um livro para compartilhar a expressão dos jovens que participaram desta viagem à nossa história e ao autoconhecimento. Cada um deixou seu traço, seu sentimento e suas idéias. Esperamos que apreciem os desfechos dos quadrinhos e a dedicação de cada participante do Era uma vez... Brasil.

Origem Produções



TERRITÓRIOS



Quilombo Velame



A Comunidade Quilombola de Velame possui aproximadamente 80 famílias, que sobrevivem do funcionalismo público, projetos sociais e da agricultura familiar. Seguimos os passos ancestrais, defendemos e lutamos até a morte pela Terra pois esta é fonte de vida, que sustenta e possibilita a sobrevivência. O canto entoado pelo terno de Reis local diz: “Eu sou do Quilombo, do Quilombo eu sou, minha mãe morreu, a terra me criou”. É com esse coro que seguimos fortes na luta. Assim, um fator de destaque é o forte envolvimento com a educação. Acreditamos que só através desta, conseguimos os nossos direitos, liberdade religiosa, independência política e conhecimento para militar juntos pelos nossos ideais. Nossa comunidade zela pelas tradições e, portanto, possui um calendário cultural sólido com atividades que envolvem crianças, jovens, adultos e idosos. A coletividade é a principal marca do povo quilombola e trabalhamos juntos, com os mesmos objetivos, e levamos conosco que a vitória de um representa a vitória de todos.

Quilombo Quingoma



Preserva sua memória ancestral através da oralidade ressignificando suas práticas sociais e culturais, esses saberes são transmitidos aos mais novos através de nossas mestras griôs e educadoras quilombolas. São muitas investidas no sentido de invisibilizar nosso povo e nossa História. Porém, resistimos a tantos ataques de inexistência e apagamento de nossa memória ancestral, que mantém as marcas de nossos antepassados e nos constituem filhos de África. O quilombo Quingoma, está localizado no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador. Com muita luta ainda possuem uma fauna e flora típicas da Mata Atlântica. A especulação imobiliária, ausência de políticas públicas e a morosidade da titulação do território traz diversos problemas sociais para a comunidade.

A palavra Quingoma é fruto da junção do Quengo (cabeça, inteligência, talento) com Ngoma (atabaque). O seu significado expressa a inteligência dos negros que usavam os atabaques pequenos para se comunicarem diante de situações diversas. Algumas fazendas da região mantinham nosso povo cativo como a Fazenda Cajá, Fazenda Sá e Fazenda Nossa Senhora da Conceição. Essa mata que foi refúgio para os nossos, fonte de sobrevivência e resistência, também é fruto de nossa continuidade em nosso território. Areia Branca, Capelão, Barro Duro, Capiarara e jambeiro são comunidades remanescentes do Quilombo Quingoma, formada por escravos, embora não certificadas, mas guarda elementos de um tempo de muito massacre e castigos cruéis.

Cerca de 578 famílias vivem em uma área de 1.284 Hectares, área que o governo quer reduzir a área para apenas 285 hectares. Nós quilombolas, damos continuidade ao legado deixado pelos nossos ancestrais, muita coisa foi se perdendo ao longo do tempo, temos a missão de ressignificar nossa história e com muito orgulho trazer os nomes dos que passaram nesse território, construíram famílias, lutaram, mais também se alegraram e permaneceram firmes até fazer passagem. Nossa cultura e tradição é nosso grande tesouro, temos a certeza que nossos ancestrais seguem conosco, a energia que emana no chão deste lugar reafirma.

Conto essa História a partir de relatos de bisa que foram passados para filhos e netos. Andresa de Melo nasceu aqui quilombada em 1876 nesse quilombo que resiste até os dias de hoje, filha de Vitoria de Melo e Cezário, Trouxe para a comunidade de Areia Branca o conhecimento da produção de beiju que perpassa por várias gerações e resiste até hoje através de suas netas, dona Dadá de Portão e dona Zizi em Areia Branca. Andresa faleceu no ano de 1964 com 88 e deixou um grande legado. Foi filha única e teve 16 filhos. Existe relatos que desde 1569 o quilombo Quingoma já resistia ao processo de escravidão. Rejane Pereira Rodrigues nossa líder juntamente com nossas mestras e a comunidade vai dando um novo ritmo a cada passo dado para dias melhores. Axé!

Gildete Melo

Quilombo do Barro Branco



Remanescente do Quilombo do Barro Branco, ele tem existência a três gerações no mesmo território, em 2003 quando ainda estávamos nos reunindo coletivamente, fizemos registro do Quilombo e mandamos para a Organização Fundação Cultural Palmares e só em “28 de Setembro de 2010” fomos reconhecidos pelo mesmo.

Mesmo antes do reconhecimento não paramos de nos reunir e pautar sobre o que é comum entre nós (nosso povo) escutando os saberes dos mais velhos de minha Comunidade. Saberíamos como caminhar... Falamos sobre tudo que nós atravessamos, nossa ancestralidade PRETA e suas histórias e referências na caminhada. Mas sempre voltamos a os saberes das e dos “Benzedeir@s (Grits)” e as belíssimas histórias de nossas parceiras.

Com muitos mais velhos que foram plantados hoje ficamos com missão de continuar a caminhada.

SAWABONA/SHIKOBA (Eu te respeito, eu te valorizo. Então, eu existo para você)

Elaine Lima do Nascimento

Povos Kaingang, Terena, Tupi-guarani e Nhandewa



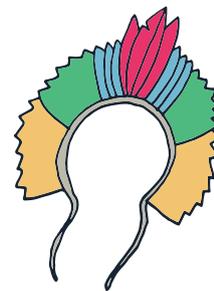
Aldeia Tereguá

Num território de 1.350 hectares no interior do centro-oeste paulista, município de Avaí, a Terra Indígena Araribá resiste! Com quatro aldeias: Ekeruá, Kopenoti, Nimuendajú e Tereguá, os povos Kaingang, Terena e Tupi-Guarani Nhandewa, representam a força originária nessas terras!

A Aldeia Tereguá, que é a única composta pelas três etnias, e permanece em luta pela valorização das culturas tradicionais presentes! Somos mais de 40 famílias, e acreditamos que a juventude indígena tem força para abrir caminhos para a autonomia de nossos povos e territórios. Nossa retomada cultural é urgente! Tudo por onde pisamos, é território indígena! Aweté!

Povo Xukuru

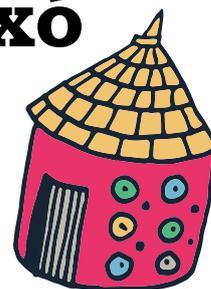
Aldeia Boa Vista



Atualmente, existem em nosso território quase 9.000 indígenas, vivendo numa extensão de 27.555 hectares, distribuídos em três regiões: Serra Agreste Ribeira... a 204 km do Recife. A visão de mundo Xukuru é uma visão integradora, que passa pelo respeito aos encantados e à Natureza. Nós, do Povo Xukuru, lutamos para que todos os nossos parentes e irmãos, indígenas e não-indígenas, que passam por situações de opressão, vivam bem, sintam-se bem, tenham comida na mesa. O esforço é para levar essa visão para além de nossas fronteiras. O que nos move é a ideia de “descolonizar as mentes e aldear o planeta”, tema de nossa última assembleia.

Tarcísio Xukuru

Povos Tupinambá, Fulkaxó Kariri Xocó e Fulni-ô



Aldeia Tekoá Tupinambá

A aldeia indígena Tekoá Tupinambá se configurou a partir de um movimento de retomada étnica do povo Tupinambá do litoral norte da Bahia. Localizada no distrito de Massarandupió no município de Entre Rios – BA, reúne descendentes remanescentes dos indígenas Massarandupió da etnia Tupinambá que deram origem ao nome da localidade. Com o apoio dos indígenas Kariri Xocó de Alagoas, Fulni-ô de Pernambuco e Fulkaxó de Sergipe iniciaram em 2014 um movimento de retomada que resultou em um processo de autodemarcação de suas terras e constituição da aldeia que hoje reúne cerca de 50 famílias. Com a liderança do Cacique Goby Boré, do Pajé Aripuanã Tupinambá e do Presidente da Associação Indígena Tekoá Portal Tupinambá, Nankupé Tupinambá Fulkaxó, a aldeia indígena Tekoá Tupinambá desenvolve projetos que visam a autonomia econômica social e política do povo Tupinambá em um processo multiétnico que busca se estabelecer como aldeia autônoma.

Nankupé Tupinambá Fulkaxó

Depoimento dos professores

“Após um período difícil de suspensão das aulas por aproximadamente um ano, motivando por uma pandemia que ceifou a vida de 650 mil brasileiros, conseguimos voltar à sala de aula. Nesse momento de retorno a oportunidade de trabalhar as propostas do PROJETO ERA UMA VEZ BRASIL se apresenta com um desafio, mas também foi um bálsamo. Sendo um dos pilares do projeto a valorização da diversidade étnico-racial, torna-se urgente agir. É inegável que vivemos em um país ainda marcado pelo abismo racial e de renda, compreender e desenvolver estratégias de educação que contribuam para o antirracismo é fundamental para construção de uma sociedade um pouco mais justa. A proposta do projeto tem um impacto direto nos estudantes participantes nas aulas engajadas, de forma mais profunda naqueles selecionados para o CAMPUS. Resumindo, o PROJETO revigora a esperança de dias melhores. E dias melhores virão!”

Adriano S. S. Fernandes

E. M. Klaus Peter e E. M. Isaac Marambaia - Mata de São João/BA

“O projeto Era uma vez Brasil oportuniza a nós professores de história e aos estudantes inscritos uma formação dialógica experiências e vivências que nos leva conhecer melhor a nossa ancestralidade, nossa identidade. Todas as etapas do projeto nos proporciona a conhecer melhor a nossa história para nós posicionarmos hoje, para melhor nos organizarmos e exigirmos cidadania, dignidade para nós,(povos originários e negros) que também construímos este país.”

Maria da Glória Silva Dos Santos Nascimento

Colégio Esther Tupinambá de Moraes - Jacobina/BA

“Eu como educador participando do projeto Era Uma Vez Brasil me sinto feliz em mostrar o potencial e a qualidade que a escola pública tem. O projeto tem oferecido experiências muito significativas. As formações foram de grande valor humano, intelectual e social. É um projeto que sem dúvidas alguma transforma a vida dos alunos, dos professores e de todos da comunidade escolar que se empenham e apoiam em cada etapa do seu desenvolvimento.”

Rafael Donizete Rodrigues

Escola Estadual Professora Fanny Altafim Maciel - Macatuba/SP

“Acredito que o projeto “Era uma vez...” é possibilidade... De construir uma nova visão da realidade, de sair da bolha, de entender que o mundo é mais. Esta foi a minha segunda experiência e foi tão desafiadora quanto a primeira. Uma nova escola, novos falares e novos lugares...mundo pós pandemia, greve de professores. Em meio a este contexto dedicamos um tempo a ler, pesquisar e refletir.

Quem somos nós na História? Somos os invisíveis da História, e fomos desafiados a encontrar os nossos. Aqueles que ressignificam vidas em realidades adversas e mesmo assim, foram esquecidos. Então, “Era uma vez” foi possibilidade em meio a um currículo formal de dar luz à sujeitos da História muitas vezes desconhecidos. A Escola Municipal Jardim Santo Inácio fica exatamente onde se encontrava o Quilombo do Cabula, em Salvador. Partimos daí, para entender a ancestralidade dos meninos e meninas presentes nesse lugar!”

Barbara Vergas

Escola Municipal Jardim Santo Inácio - Salvador/BA

“O projeto Era uma vez Brasil, veio para somar conhecimentos valiosíssimos na minha vida, e em toda comunidade escolar. Através do projeto, o qual faço parte pela segunda vez, me inspiro cada dia a reavaliar o modo de ensino na área de História, percebo a reflexão que causa nos alunos ao participarem do projeto. Portanto só tenho a agradecer ao projeto por proporcionar momentos único na minha vida profissional e acadêmica. Penso que o projeto era uma vez Brasil, deveria se tornar parte dos projetos políticos pedagógicos, de todas as escolas envolvidas pois para mim além de nos ensinar a como formar consciências pensantes faz também um papel social na vida de cada alunos e professores, Gratidão.”

José Alexandro da Silva

Escola Municipal Doutor Sebastião Cabral – Belo Jardim/PE

“Participar do projeto Era uma vez Brasil tem sido uma experiência de autoconhecimento. Para mim, enquanto docente, descobrindo novas práticas, novos horizontes e perspectivas e para os alunos, trazendo a oportunidade de aprender História através de vivências culturais que extrapolam os muros da escola. Em um país que valoriza tão pouco sua cultura e a educação pública, o EUVB vem na contramão, propiciando que jovens negros, periféricos, oriundos de escolas públicas, sejam protagonistas de sua própria História. Jovens, cujos ancestrais foram em um passado recente preteridos pela História, como os

invisibilizados que estão retratados na HQs. A oportunidade de participar desse projeto tão grandioso, certamente nos transformou como pessoas.”

Larissa Teixeira Arcencio

EMEF Maria Celina Walter de Assis - Serrana/SP

“A participação no Era Uma Vez Brasil, na edição de 2022, foi incrível. Foi a primeira vez que retomamos o projeto de forma 100% presencial após a pandemia e isso diz muito, uma vez que a tônica do projeto esse ano, na minha percepção, foi o Reencontro. Reencontro entre nós professores, Reencontro de nós professores com o espírito e o sentido do nosso trabalho, Reencontro nosso e dos alunos com a sala de aula, com o ensinar, aprender, construir e desconstruir. E como todo Reencontro, não teria como ser sem emoção, sem alegria e sem tudo aquilo que nos forma enquanto seres humanos. O Era Uma Vez é isso, tem muito disso, possibilitou desconstruir muitas coisas com os alunos, reconstruir outras, possibilitou realizar novas amizades, ter novas formações, aprender coisas diferentes, conhecer formas alternativas de ensinar e aprender, e com tudo isso, permitiu que eu me reencontrasse, me reencontrasse enquanto professor, enquanto aprendiz e enquanto ser humano! Muito Obrigado, Era Uma Vez. A gente se vê de novo e em breve!”

Otávio Henrique Ribeiro

EMEIF Philomena Briquesi Boso - Lençóis Paulista/SP

“Participar do projeto “Era uma vez Brasil” foi uma experiência enriquecedora. Nas formações com outros profissionais da área tive espaço para aprofundar meus conhecimentos em história indígena, africana e afrodescendente. O último encontro foi o especialmente marcante, pois pude refletir sobre minha vida pessoal e profissional, além de maneiras para praticar o autocuidado, tão importante nos dias atuais. Nesse momento de retorno após a Pandemia de COVID-19, o projeto foi essencial para incentivar os estudantes a se expressarem e se engajarem nos estudos. Em sala de aula trocamos experiências, angústias, receios quanto ao futuro e, acima de tudo, a esperança. Esperança de que juntos somos capazes de construir um Brasil melhor, onde o preconceito não terá espaço e todos possamos conviver em um ambiente de respeito e empatia. Foi um privilégio fazer parte do “Era Uma Vez” e espero que essa iniciativa se multiplique cada vez mais, contribuindo para melhorar a qualidade da educação brasileira.”

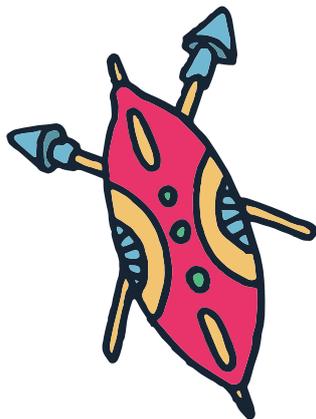
Bruno Lucas da Silva

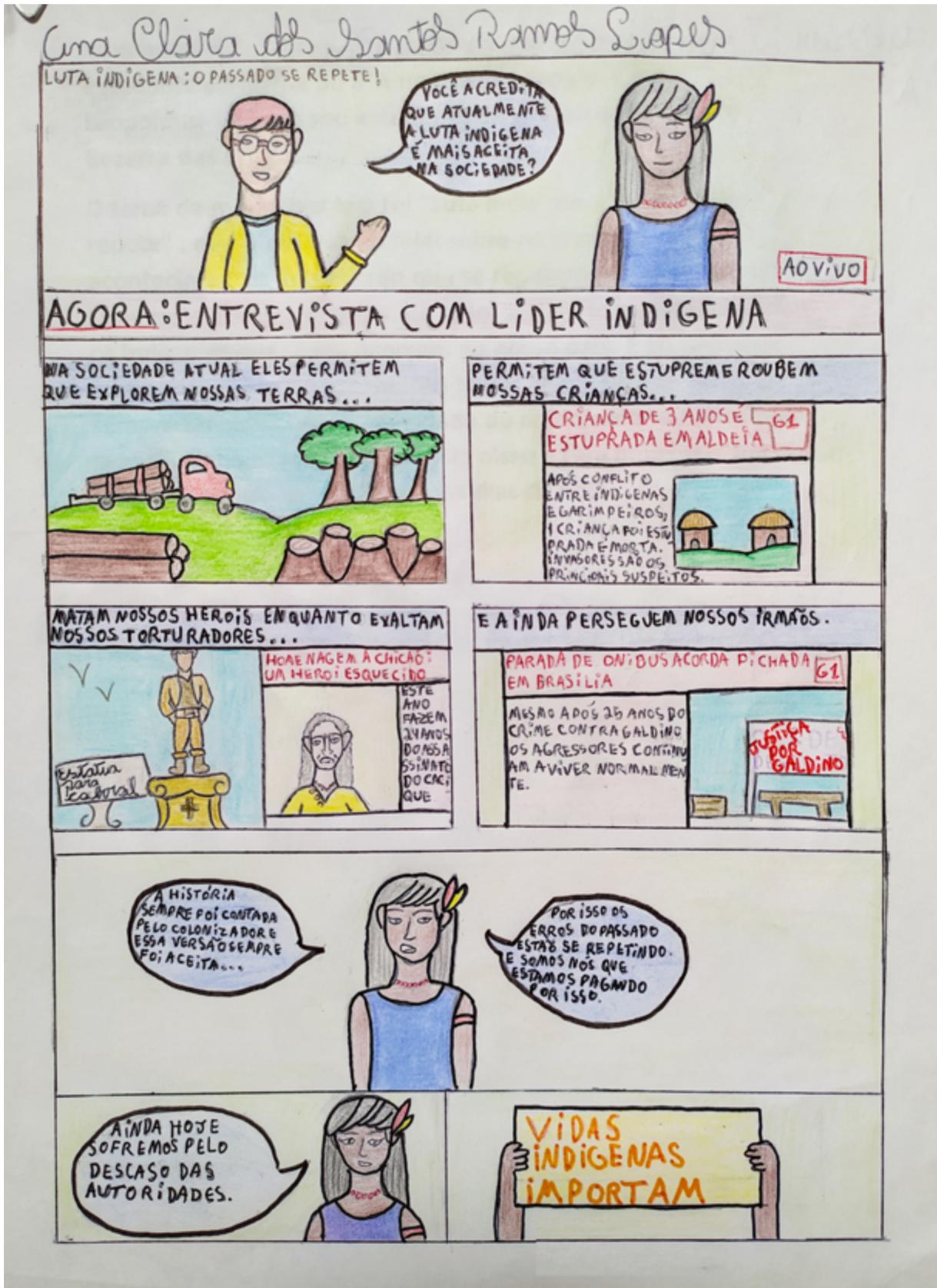
EMEF Jaime Monteiro de Barros e EMEF Dercy Célia S. Ferrari - Rib. Preto/SP

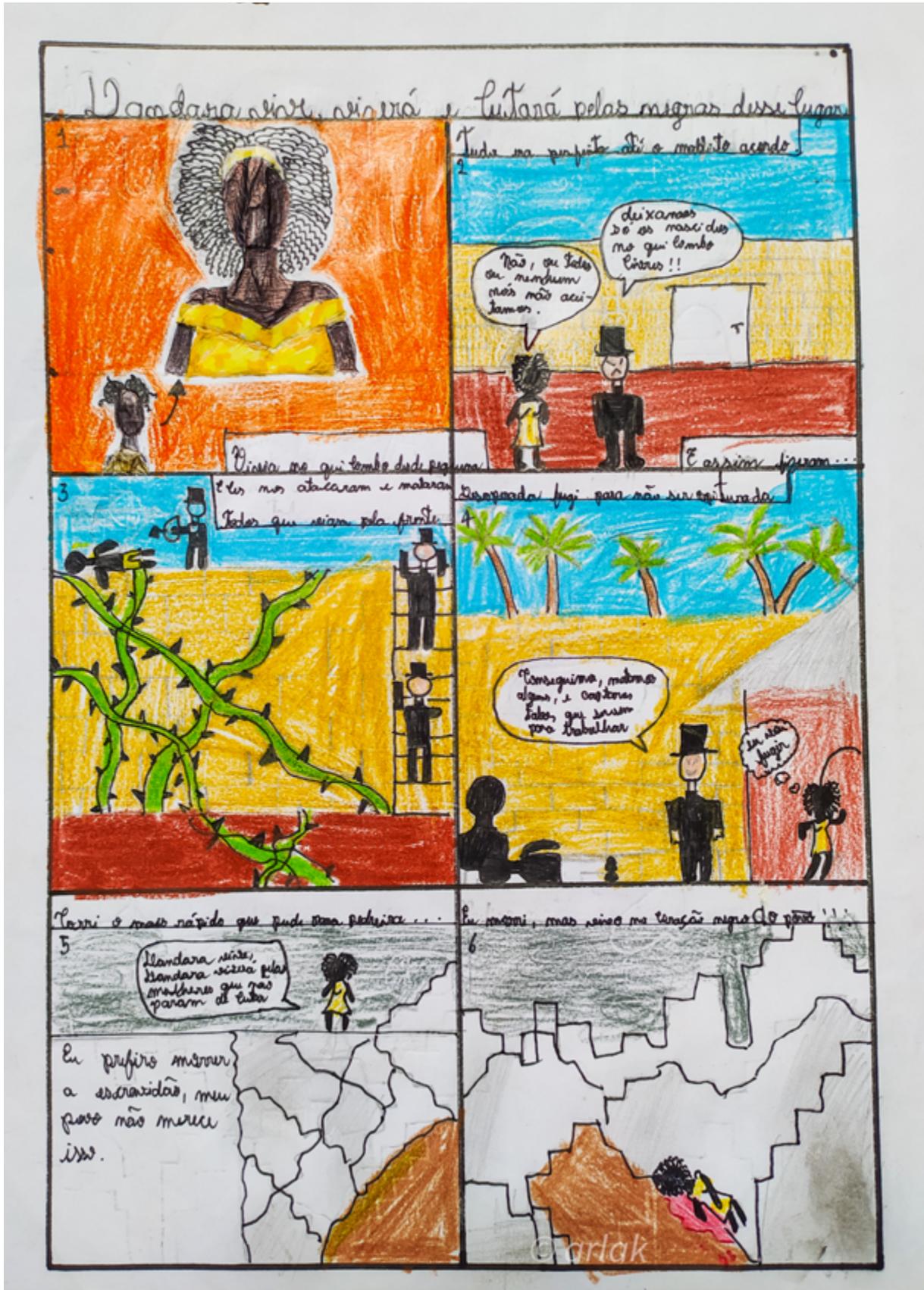


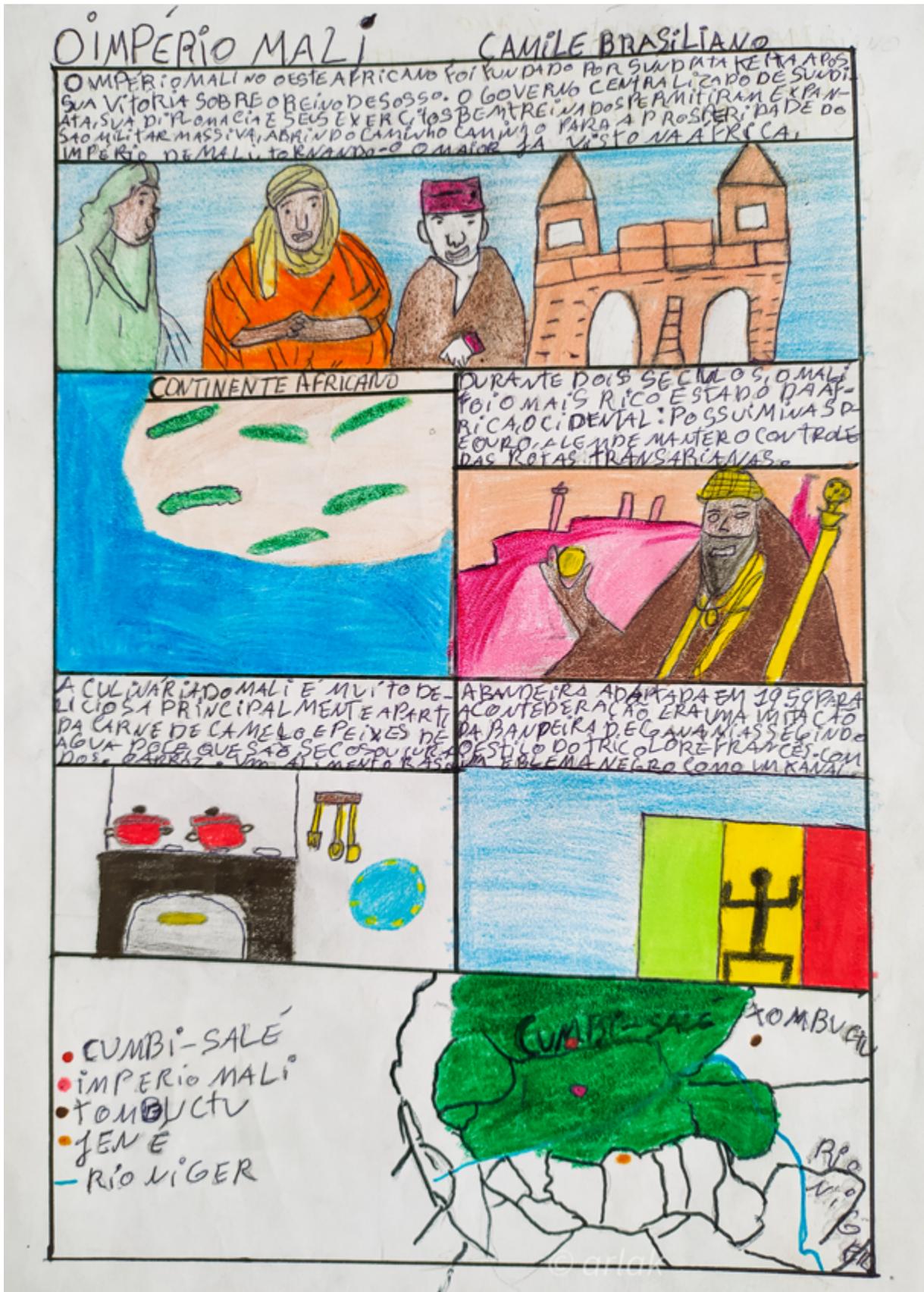
BELO JARDIM

PERNAMBUCO



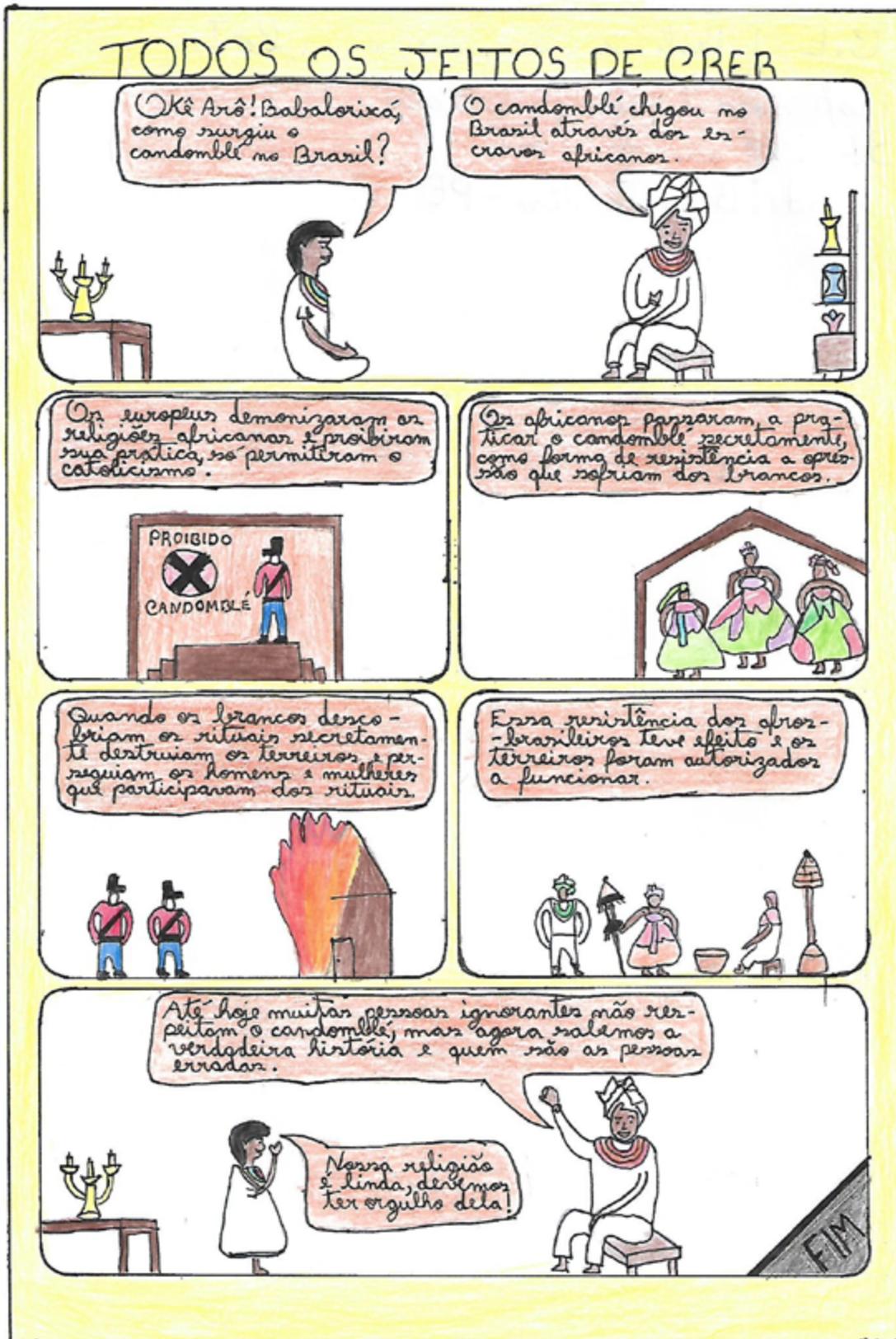






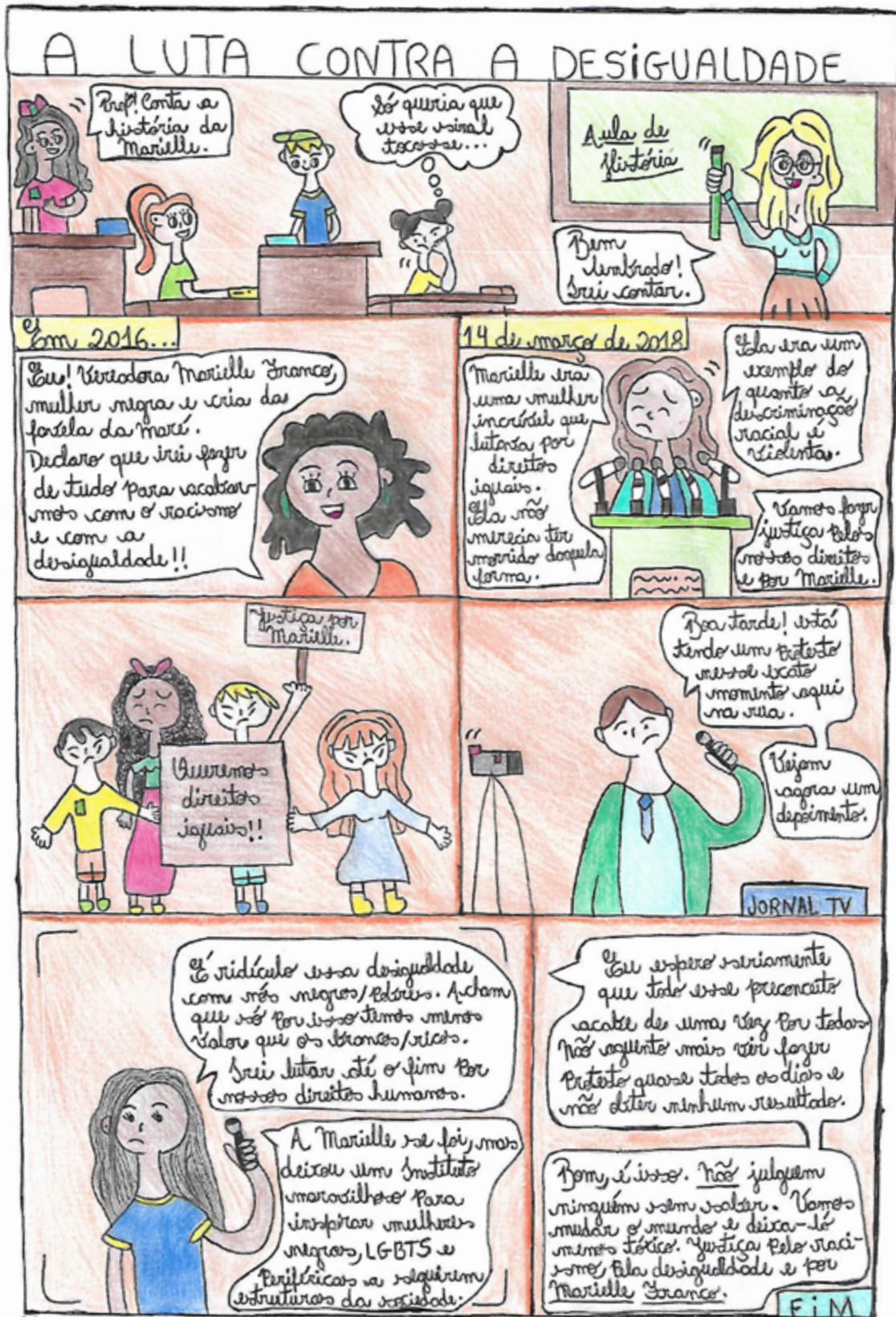
Escola Estadual Padre Giovanni
Professora Estela da Silva Brito





Emilly Nascimento de Moraes - 8º ano "A"

CEM Professor José Vieira da Costa
Professora Quitéria Feitosa Tavares



Emily Villena da Silva Gomes.

CEM Professor José Vieira da Costa
 Professora Aline Maciely do Nascimento Silva

GIOVANNI PIETRO DA SILVA SIMPLÍCIO



Escola Municipal Luiz Pereira de Amorim
Professor José Claiton Pereira

Isac Emanuel B. dos Santos Os invisíveis.

Desde que D. João chegou ao Brasil, várias mudanças ocorreram.



Foram intensificadas por ele...



Mas milhares de pessoas, foram invisibilizadas...



Ó D. João, não foi justo que fizeste conosco! pobres senhores teu, que trabalhamos para o teu império!

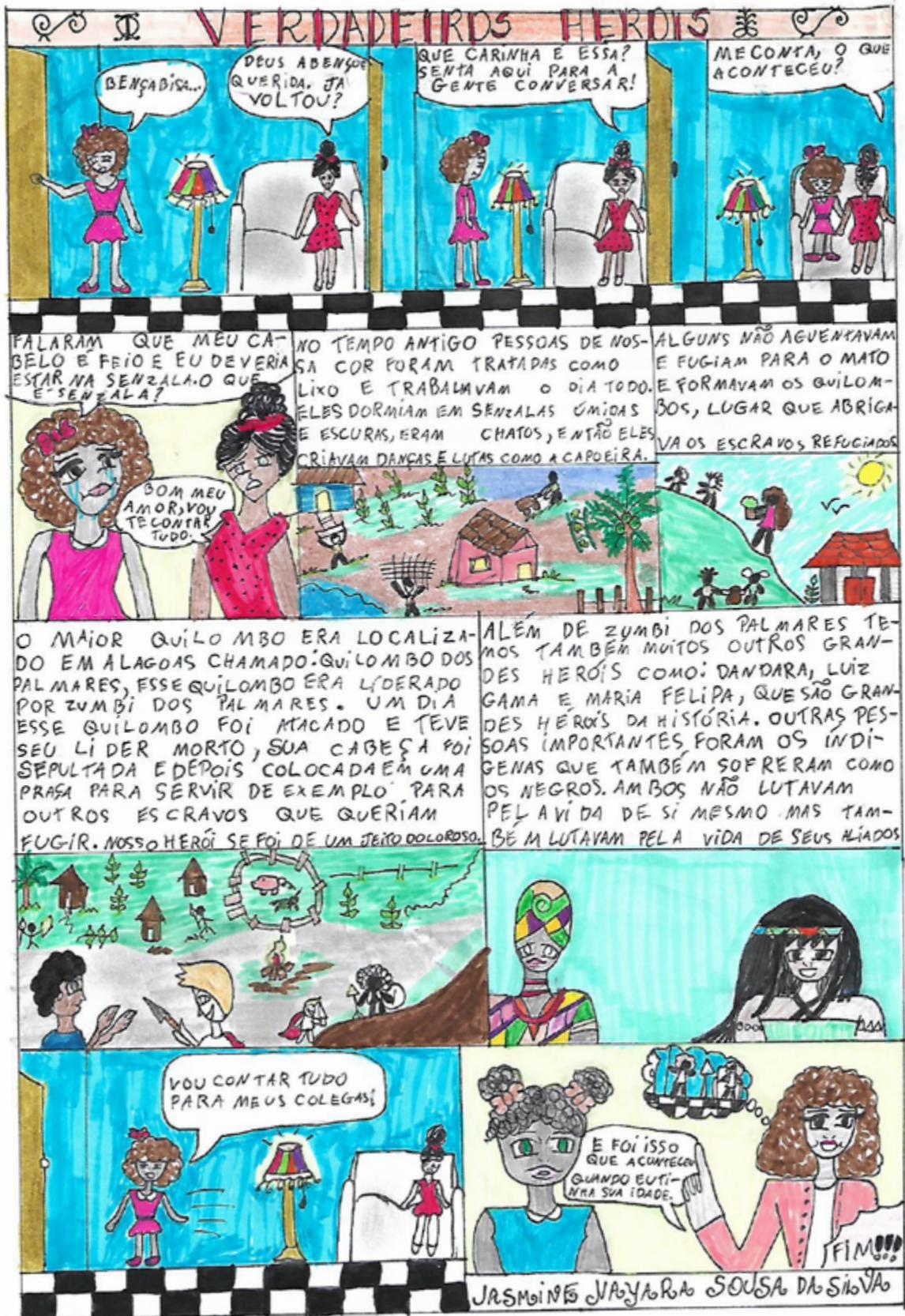


E além de sofreremos, não temos nem de viver livres!



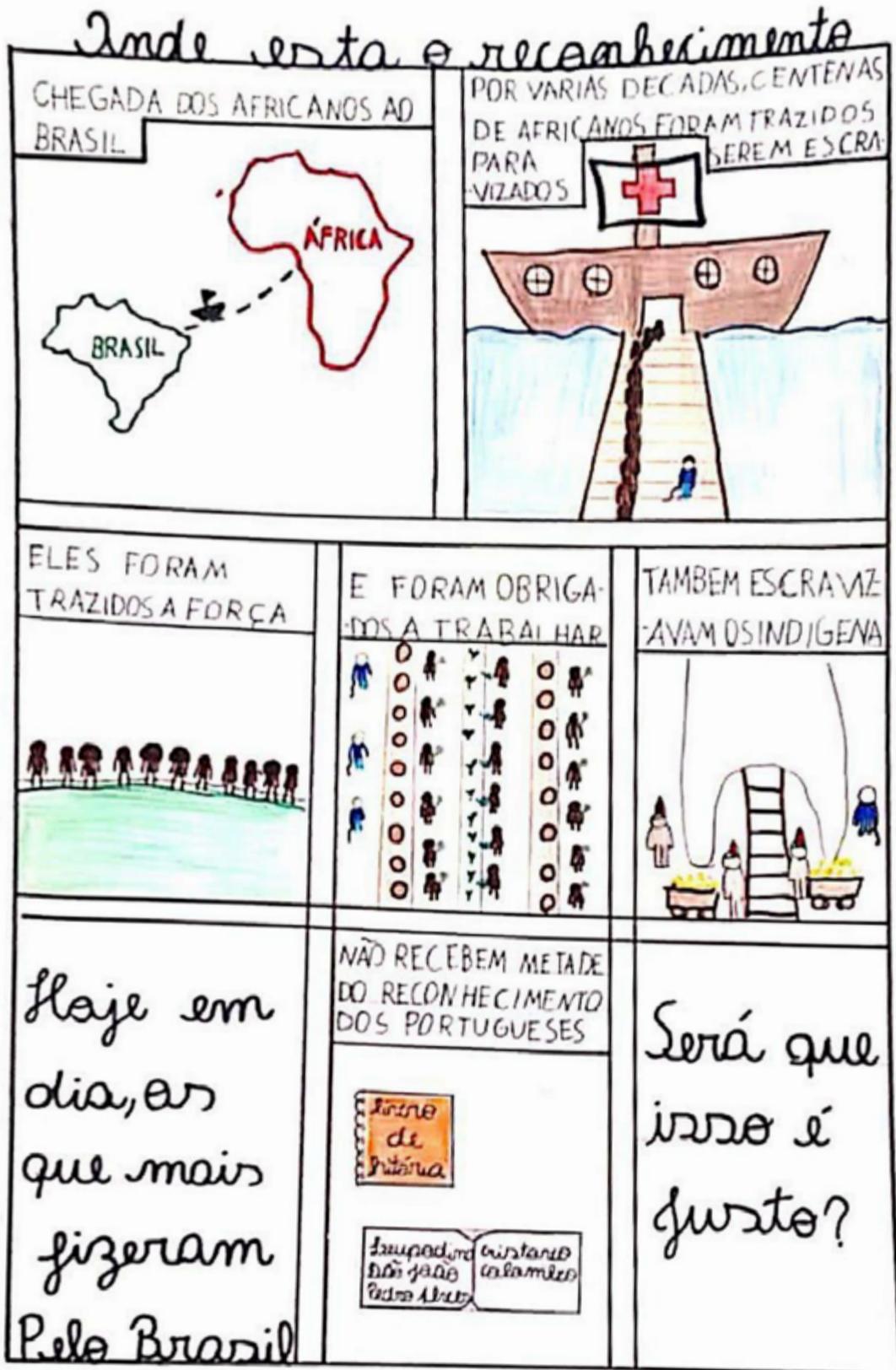
Resentado, me diga, por que estamos ouvindo delírios de nobres mentes, enquanto vemos objetos de execução?





CEM Professor José Vieira da Costa
Professora Aline Maciely do Nascimento Silva

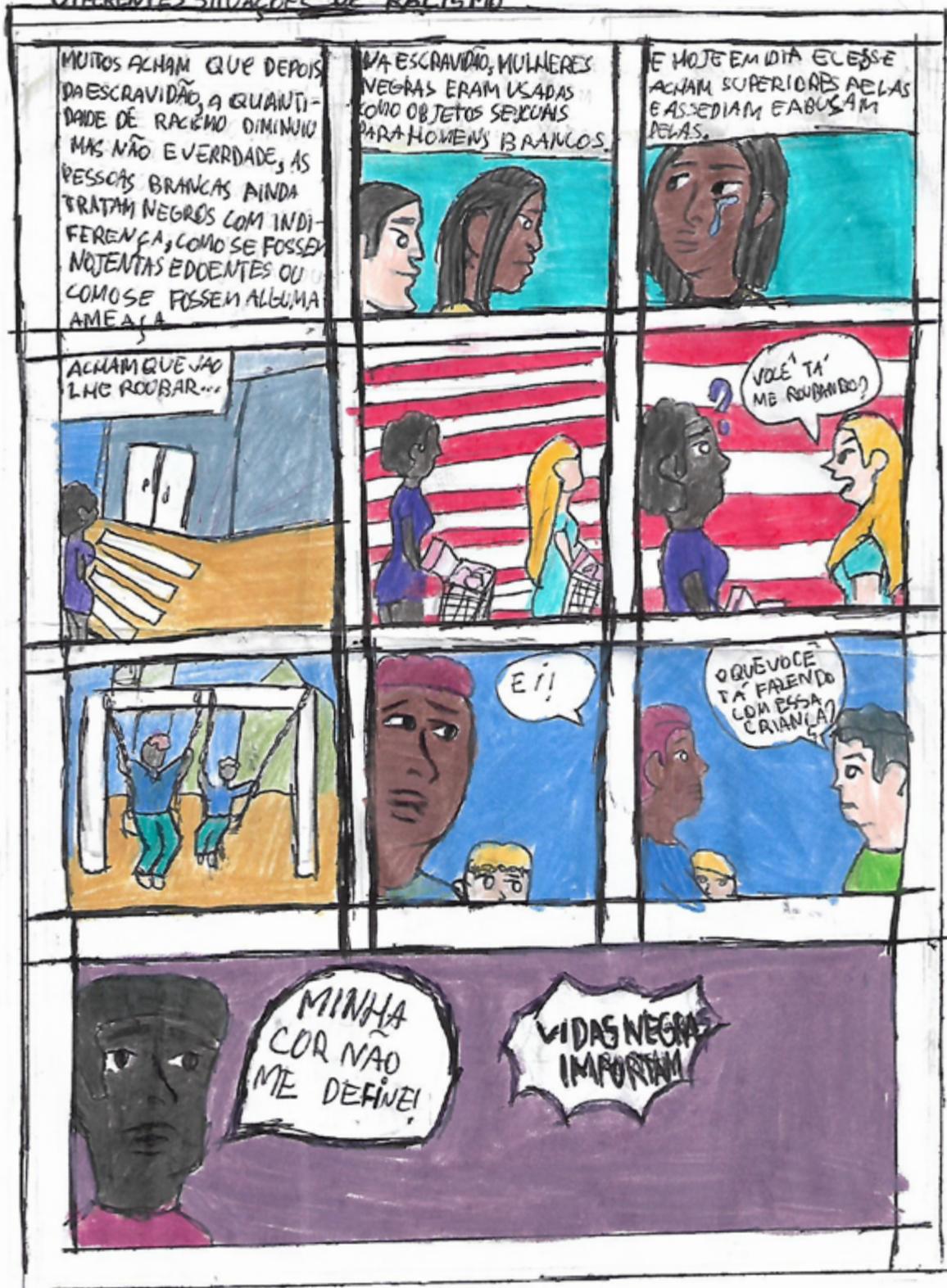




Letícia Borges da Silva Souza



DIFERENTES SITUAÇÕES DE RACISMO



Maianne Larissa E. dos Santos

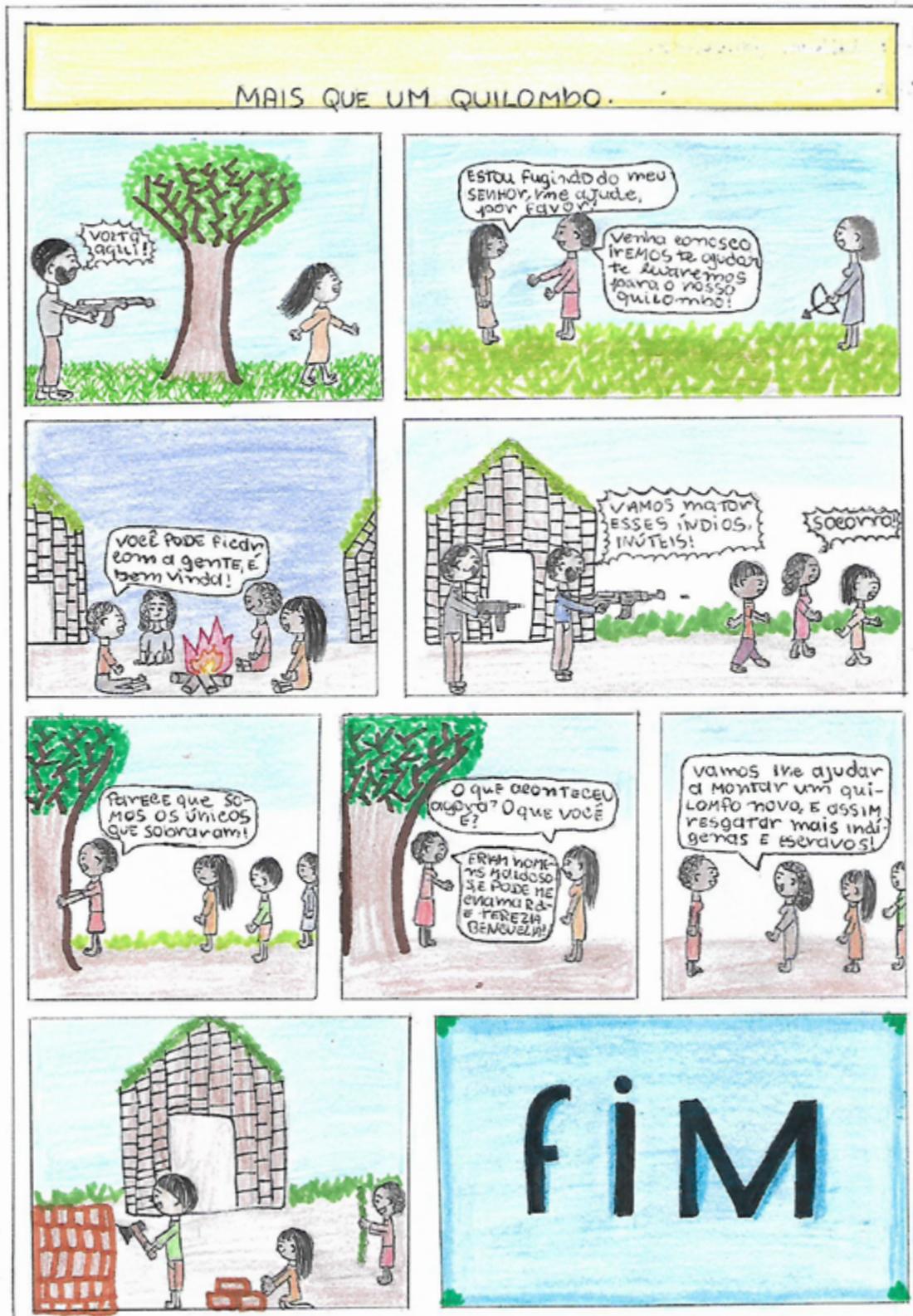
CEM Professor José Vieira da Costa
Professora Aline Maciely do Nascimento Silva



Maria Clara Barbosa de Oliveira - 8º ano "A"

CEM Professor José Vieira da Costa
 Professora Quitéria Feitosa Tavares

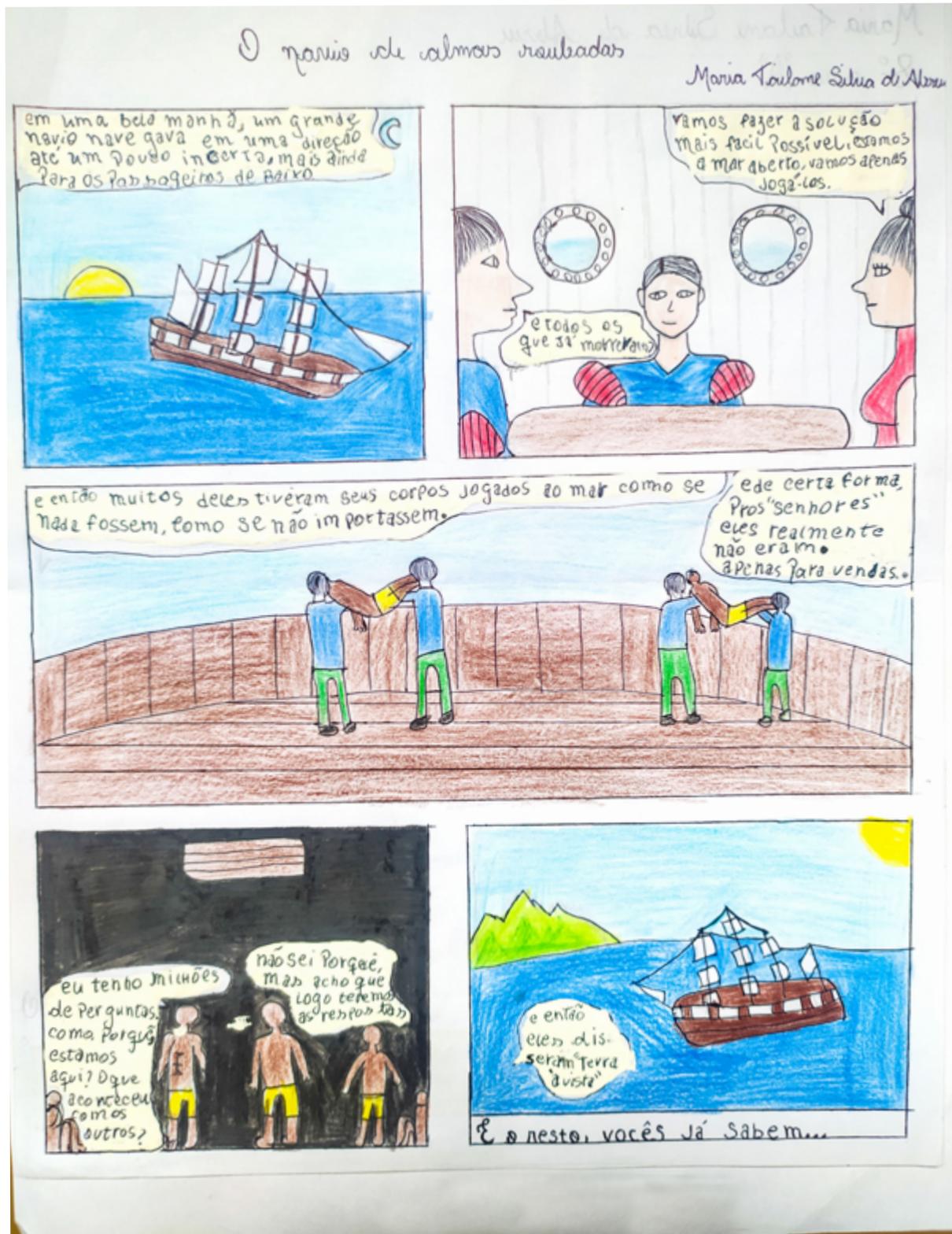
MARIA ISABELLA TORRES PAIXÃO



Maria Isabella Torres Paixão 826

CEM Professor José Vieira da Costa
Professor José Jadilson Gonçalves da Silva

MARIA TAILANE SILVA DE ARAÚJO



Escola Municipal Doutor Sebastião Cabral
Professora Maria Aparecida de Almeida



CEM Professor José Vieira da Costa
Professora Aline Maciely do Nascimento Silva

SAYONARA DA ROCHA BEZERRA

DRAGÃO DO MAR

o sangue de um dragão da abolição



Foi por este mar que muitos navios antepassados foram trazidos da África. Foi por este mar que muitos negros foram levados para vários portos do Brasil. Foi daqui de Camoá quebrada que me fiz amar pela primeira vez! É o mar que fez ficar um do Porto de Fortaleza!

Para desembarcar mercadorias, os navios precisavam de mão, os jagunheiros inclusive embarcar e desembarcar escravo.





Lá por 1880, Ceará estava completamente arrasado pela seca e pelo colera. Sustentar 30 mil escravos que não tinham vindo mais dos campos era caro demais.



Muitos senhores resolveram por conta própria libertá-los, outros foram para vendê-los aos fazendeiros ricos do Sul para isso era preciso embarcá-los no Porto de Fortaleza!

Mas não, os jagunheiros disseram:

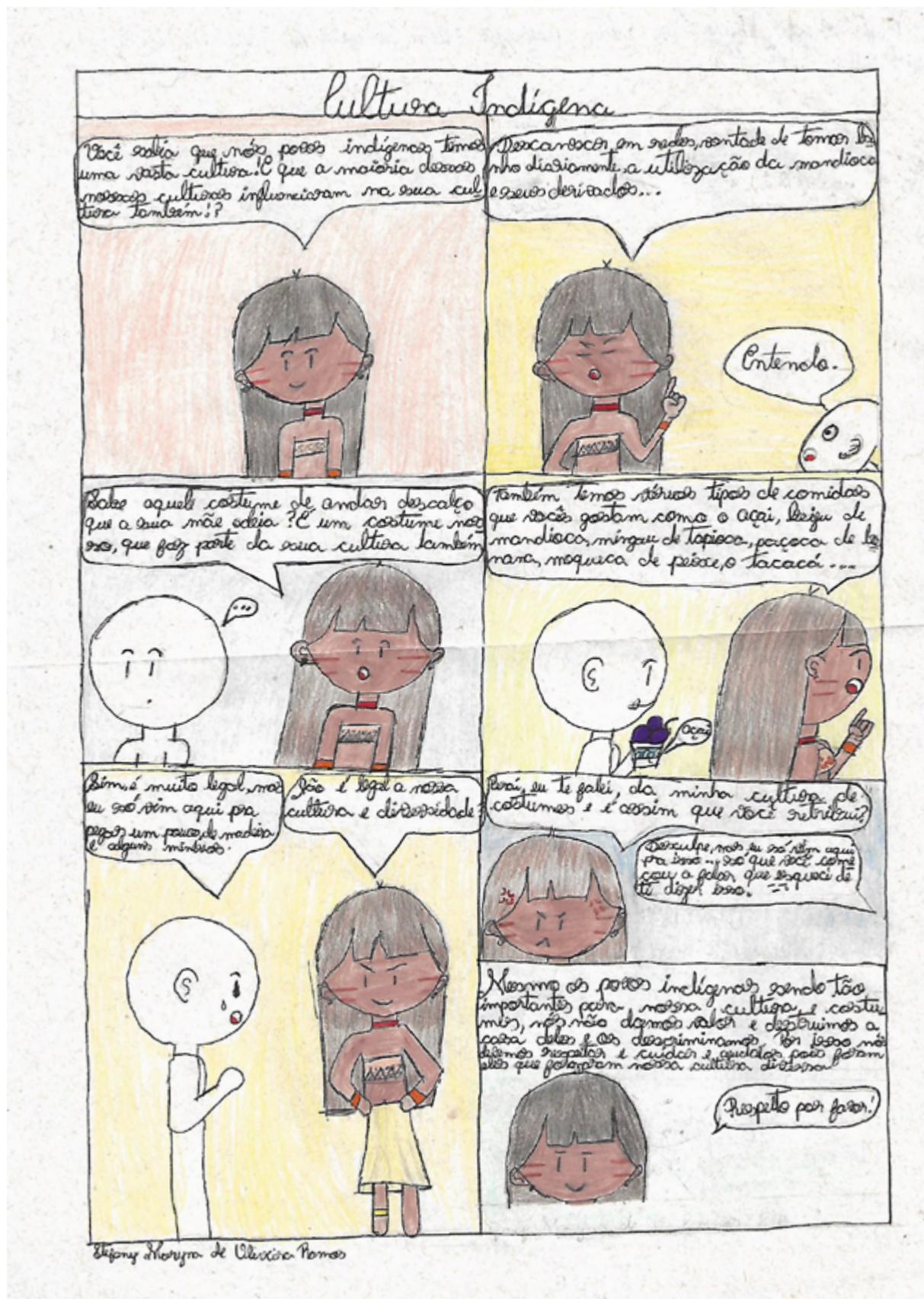


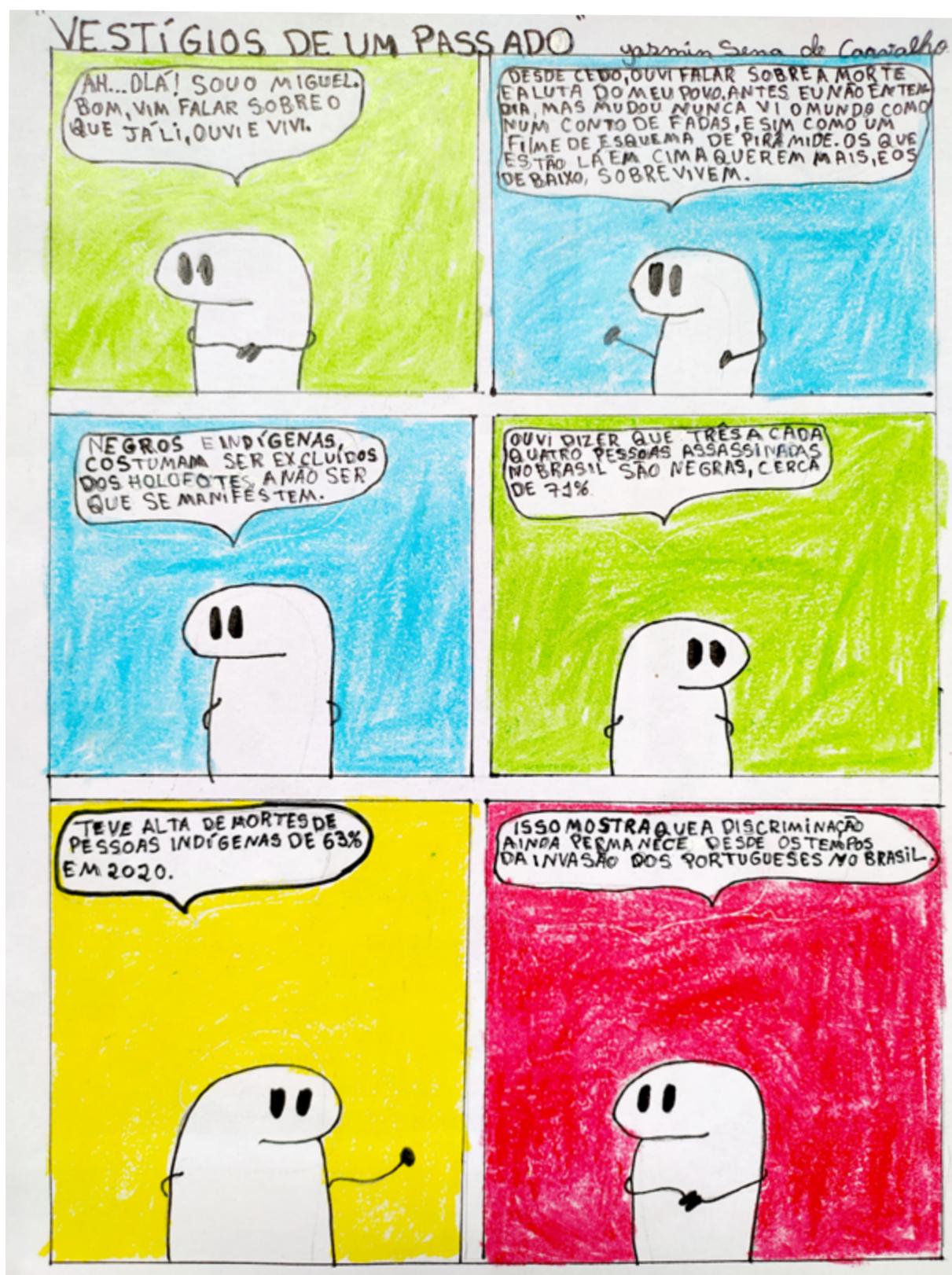
"Não senhor! No Porto de Ceará não se embarcam mais escravos!"

Liderei o bloqueio do Porto com os matrozos jagunheiros, os amais dragões do mar! Soltando fogo pelas ventais contra qualquer um que tentasse embarcar negros. Em 1884, 4 anos antes do resto do Brasil, a abolição tornou-se uma realidade no Ceará!



Sayonara da Rocha Bezerra

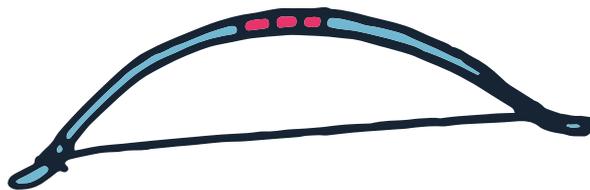






LENÇÓIS PAULISTA e MACATUBA

SÃO PAULO

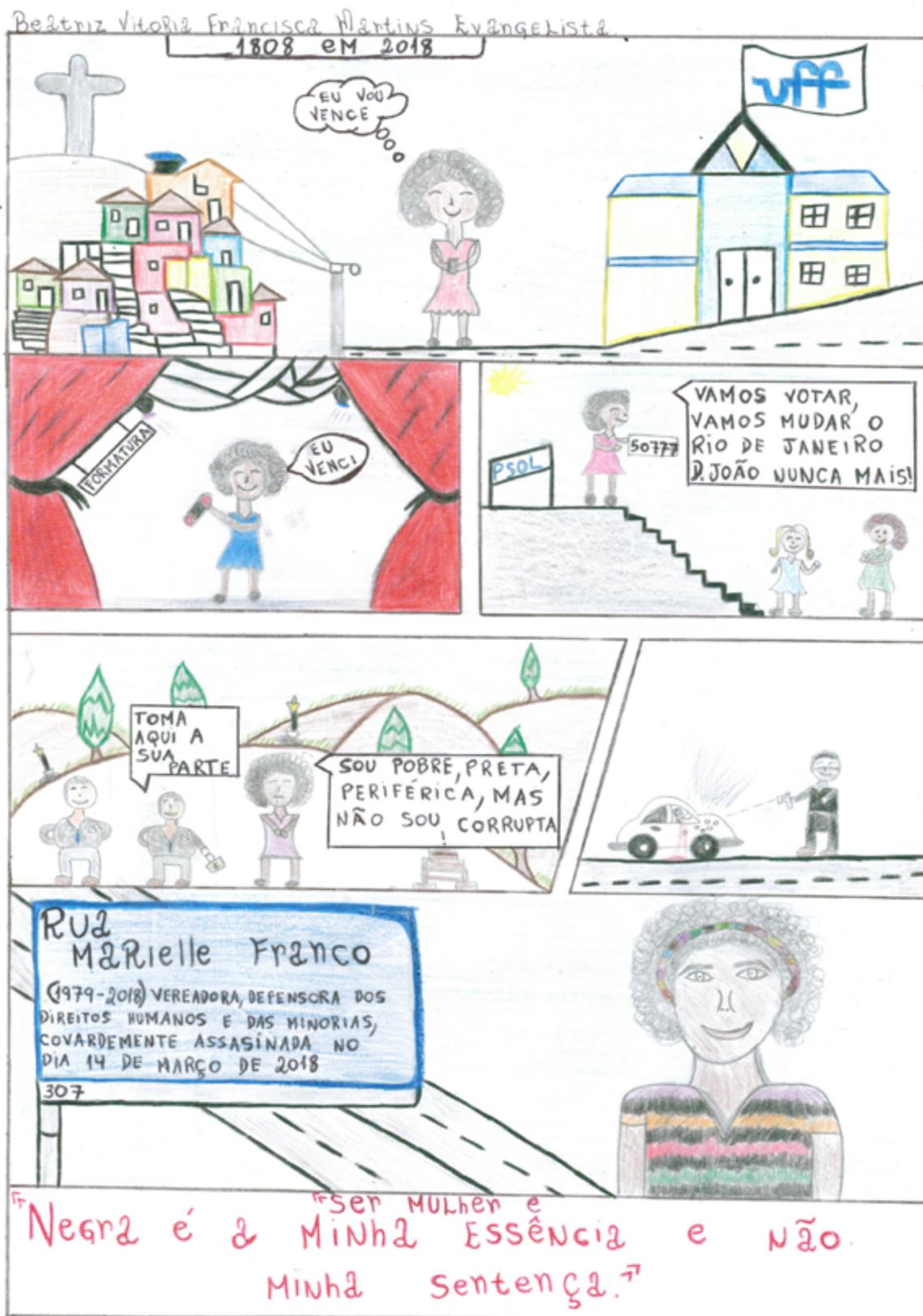


TAYNÁ VITÓRIA DE LIMA

A FUGA
PARA
LIBERTAÇÃO
COM HOMENAGEM A ZUMBI
DOS PALMARES



BEATRIZ VITORIA F. M. EVANGELISTA



Escola Estadual Fernando Vazei
Professora Gabriela Leda Veloso

EDUARDA FERREIRA DE SOUZA



Escola Estadual Leonina Alves Coneglian Profa
Professora Taynara Zulato Rosa

Emanuelle Mendes Coldibeli

a sociedade se esqueceu de mim.



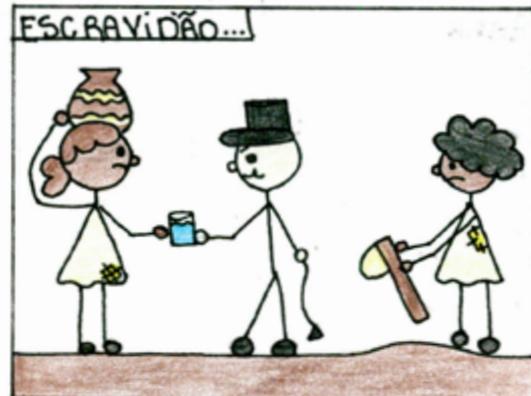
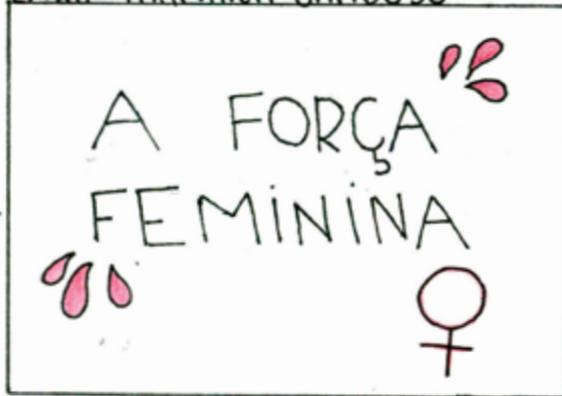
SERIA ATÉ QUE BOM MORAR NA FLORESTA MAS...



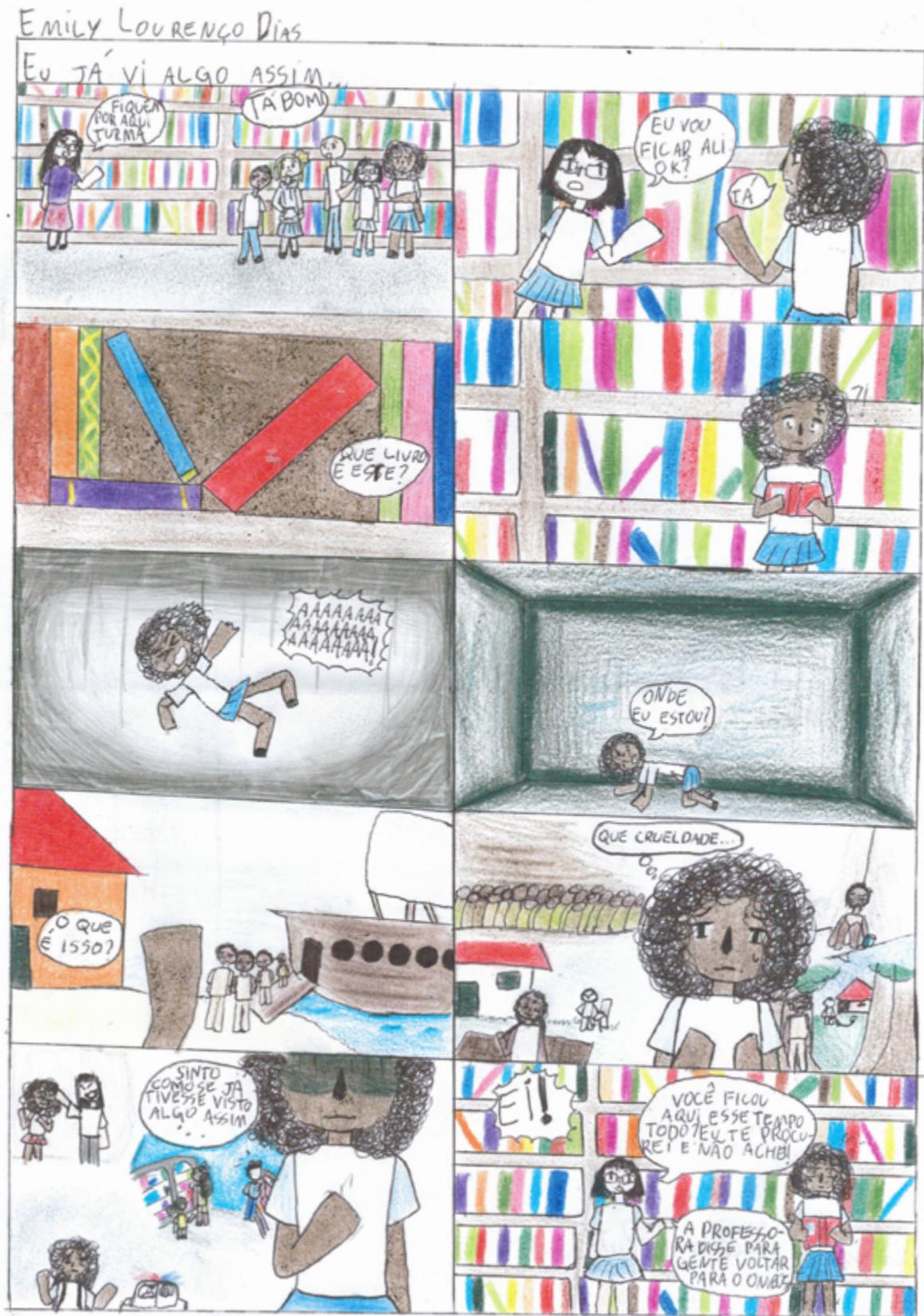
A PARTIR DO MOMENTO QUE A SOCIEDADE BRASILEIRA ENTENDER, COM CERTEZA MUITOS PRECONCEITOS SERAM DESCONSTRUÍDOS



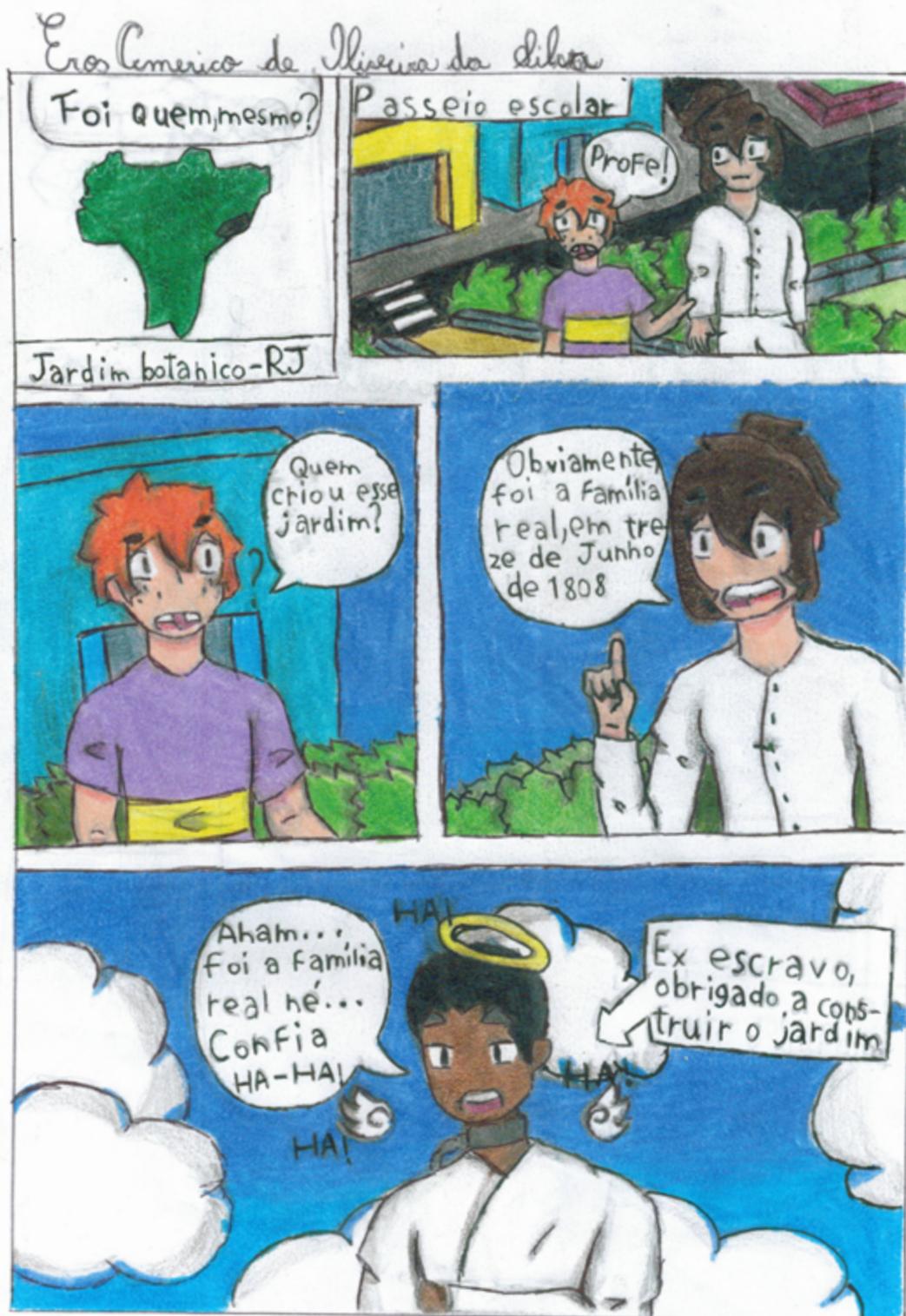
Érika MARIANA CARDOSO

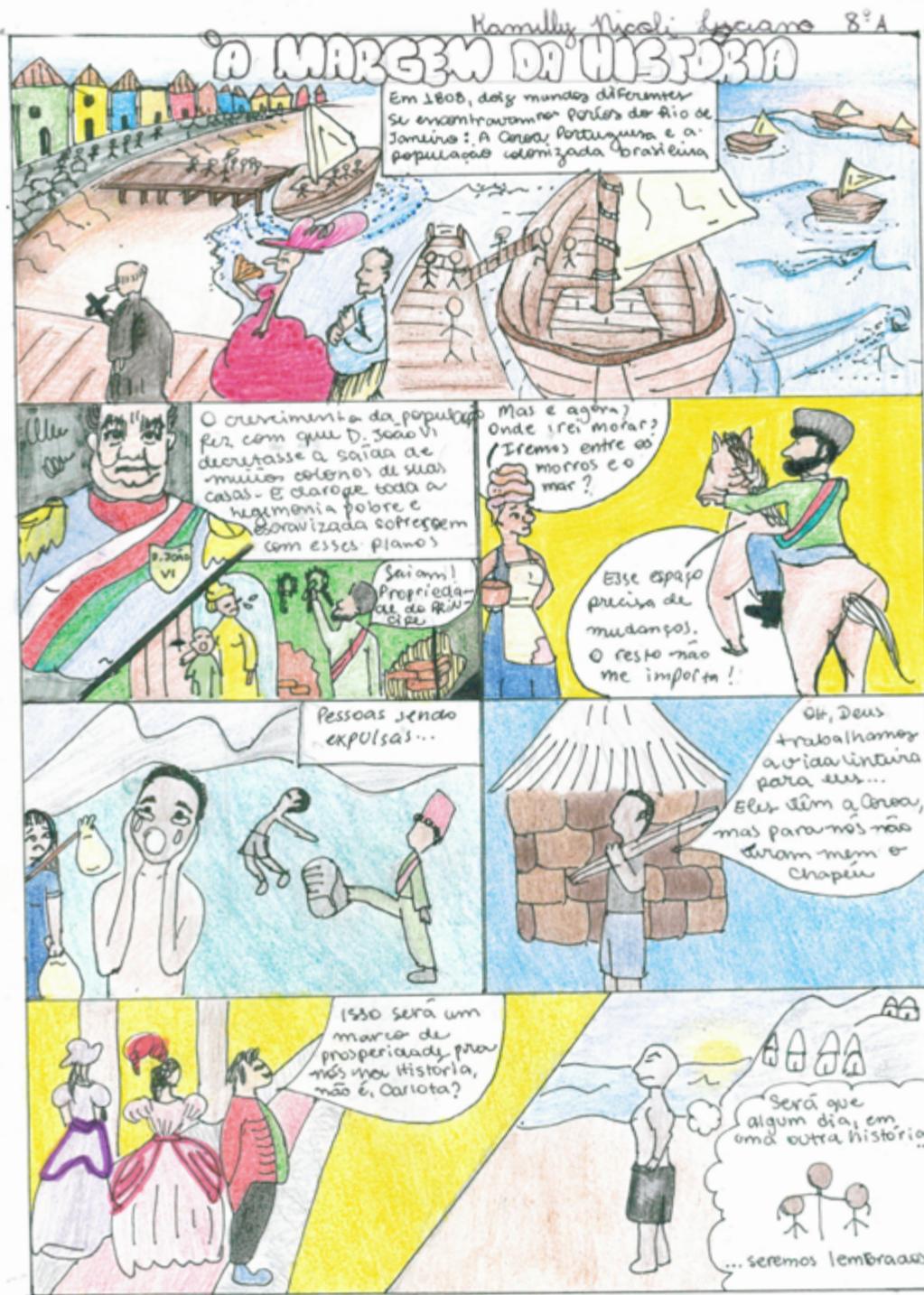


EMILY LOURENÇO DIAS



Escola Estadual Rubens Pietraroia
Professor Renan Giovanetti Françoza





Paola Oliveira Lima 8ªA



Felipe César dos Santos

A família real e os escravos e indígenas

Então vamos ao início, quando Napoleão imperador napoleão estava preparando suas tropas para a invasão a Portugal.

Com medo dessa invasão e do bloqueio continental a família real por meio de barcos junto com Maria II o rainho, D. João VI, príncipe regente e sua esposa e filhos vieram ao Brasil.

Desembarcando no Brasil D. João VI viu os indígenas como escravos e não como ser humano, tendo terras invadidas e não tinham direito, sendo escravizados por D. João VI.

Claro D. João VI fez algumas coisas europeias, o cultivo e o modo de vida europeu e etc, mas os indígenas não tinham a mesma liberdade do família real, sendo os escravos obrigados a viverem nas senzalas.

Trabalhem escravos imundo!

Além dos indígenas muitos africanos eram trazidos para trabalhar como escravos, sendo maltratados e humilhados.

O fato é que nos lembramos sobre o vindo do família real ao Brasil mas não nos lembramos deles, e quanto sofreram durante suas vidas.

Africanos

Indígenas

Mulheres Indígenas

The comic strip is divided into several panels. The top panel shows Napoleon and his army, with a ship carrying the Brazilian Royal Family. The middle panels describe the arrival in Brazil and the treatment of indigenous people and Africans as slaves. The bottom panels feature drawings of indigenous men and women.

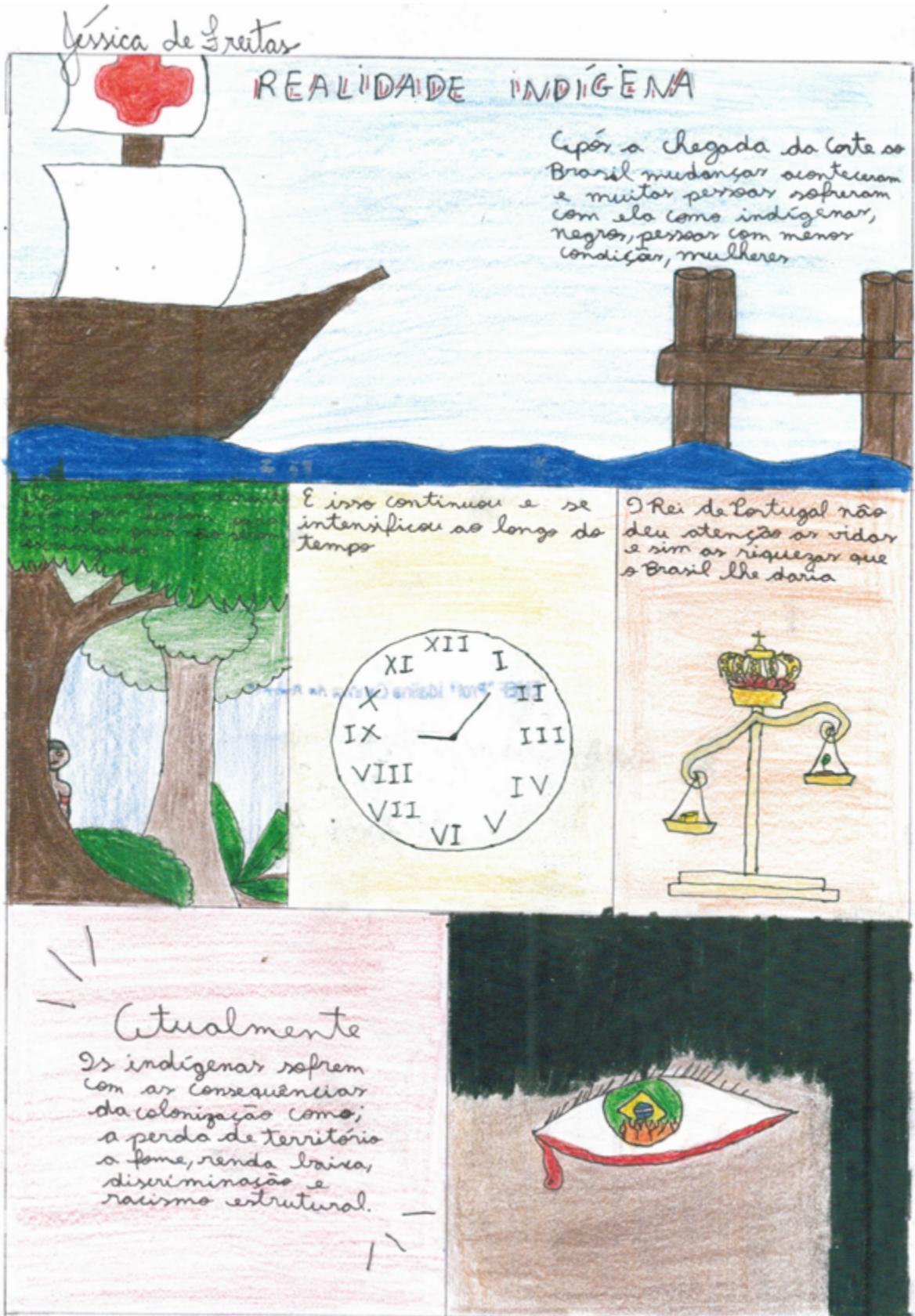
JOÃO EDUARDO M DOS ANJOS

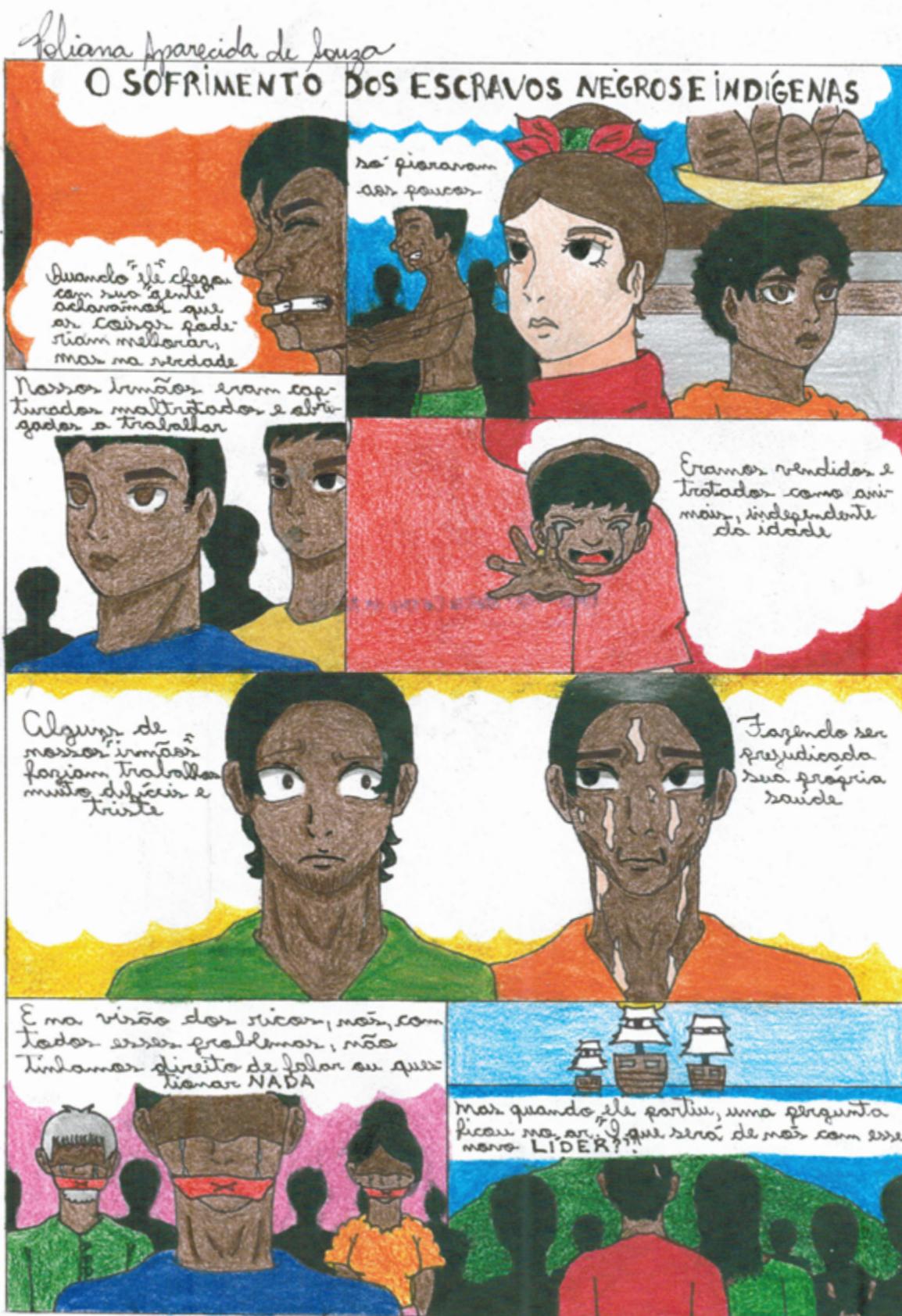
REALIDADE NÃO CONTADA



JOÃO EDUARDO M. DOS ANJOS 8ªA

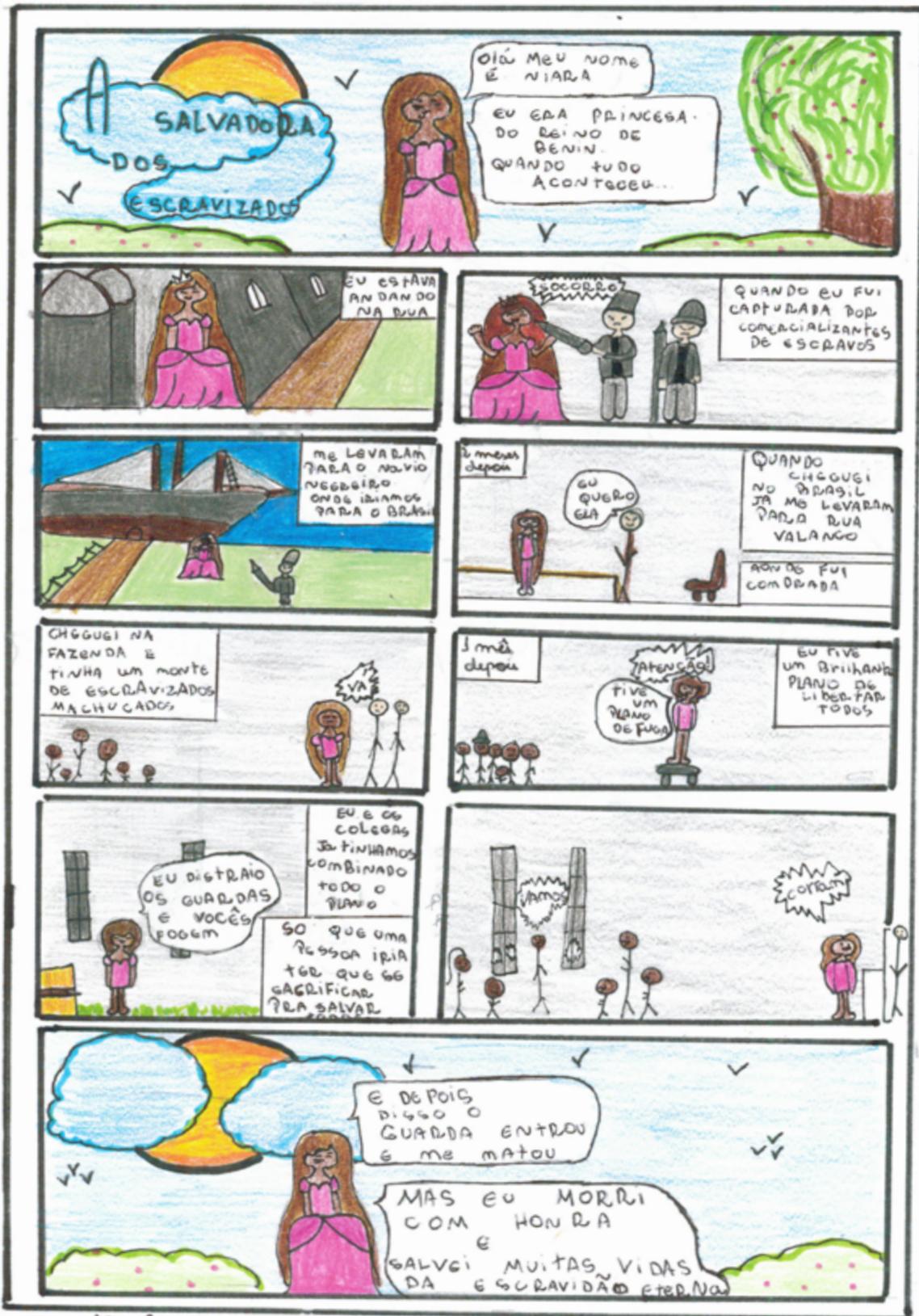
EMEF Prof.^a Guiomar Fortunata Coneglian Borcat
Professor Eduardo José Neves





EMEF Prof.^a Idalina Canova de Barros
Professora Aldanize Maria Fernandes Vieira Prenhacca

EMANUELLE FIDELY ALVES DA SILVA



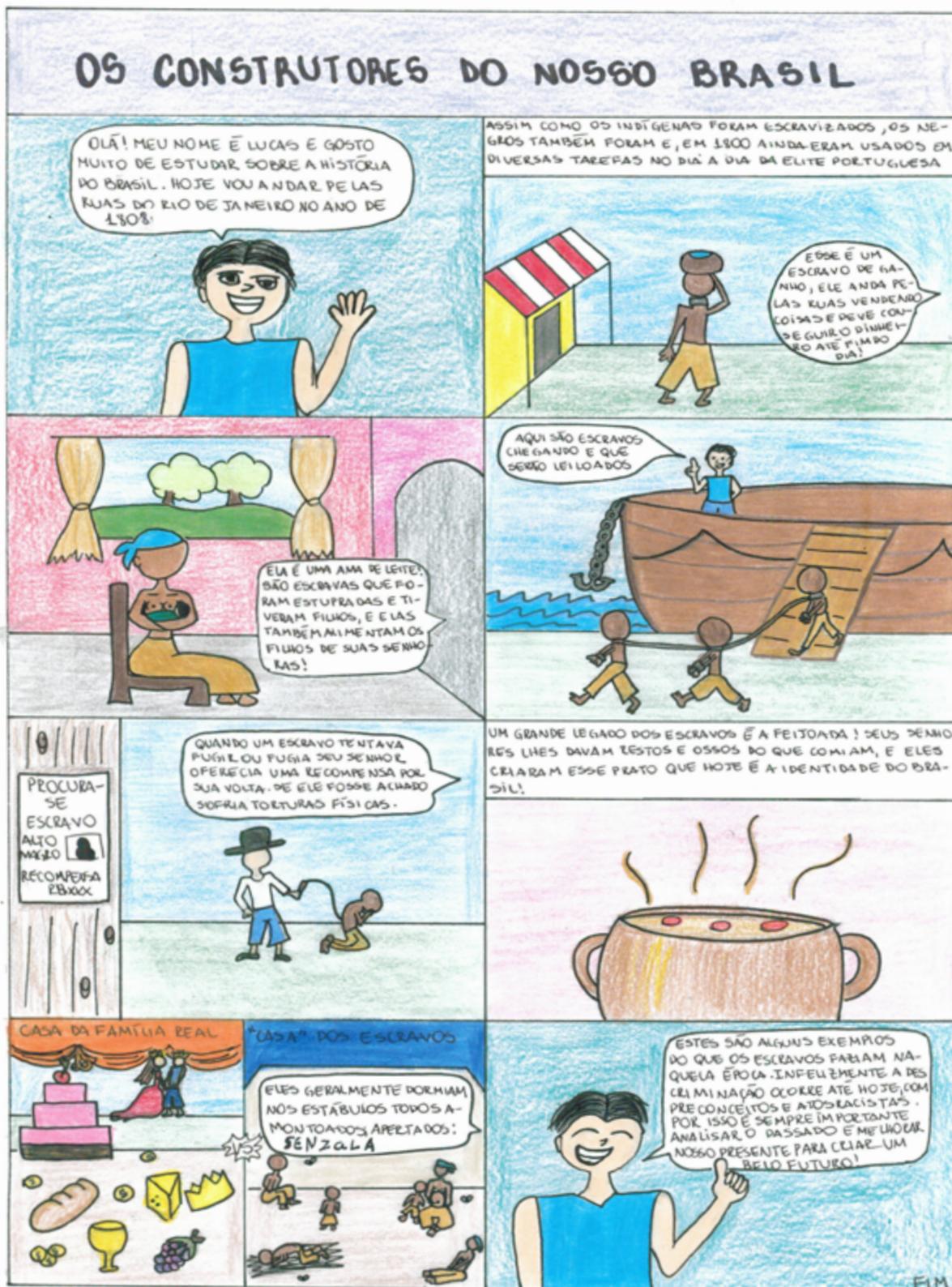
Emanuelle Fidelity Alves da Silva 8º C

EMEF Prof.^a Lina Bosi Canova
Professor Lucas Jonathan da Silva



LORENA LOPES GONÇALVES 8º B

EMEF Prof.^a Lina Bosi Canova
Professor Lucas Jonathan da Silva



MARIA FERNANDA KAMIMURA 8ºB

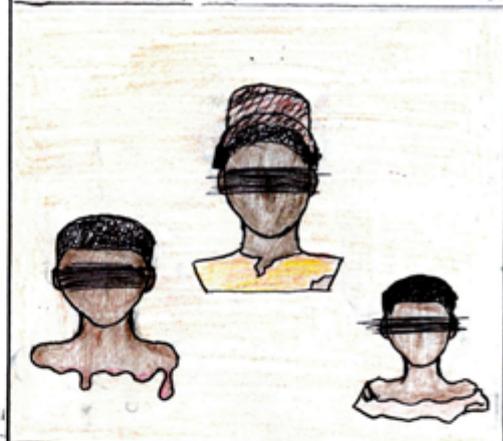
EMEF Prof.ª Lina Bosi Canova
Professor Lucas Jonathan da Silva

ELLEN BEATRIZ SIMOES

Pessoas Invisíveis Durante 13 anos, D. João foi exaltado e parabenizado pelas mudanças que fez no Brasil colônia.



Mas, algumas pessoas ficaram invisíveis nessa história



As pessoas que estavam lá, foram manipuladas por trocas, foram levadas para serem escravos e não tinham liberdade, pois eram violentadas



Os escravos fizeram muitas coisas e não foram nem um pouco parabenizados por isso, achavam que eles eram inferiores e não mereciam ser livres. Sofreram muito até conseguirem a liberdade e igualdade

Apesar disso, muitos negros não são reconhecidos pela seu tom de pele

foram tempos de dores e sofrimentos até chegar a liberdade!



Ellen Beatriz Simões



Giovanna Clara Pereira

Escola Estadual Professora Fanny Altafim Maciel
Professor Rafael Donizete Rodrigues



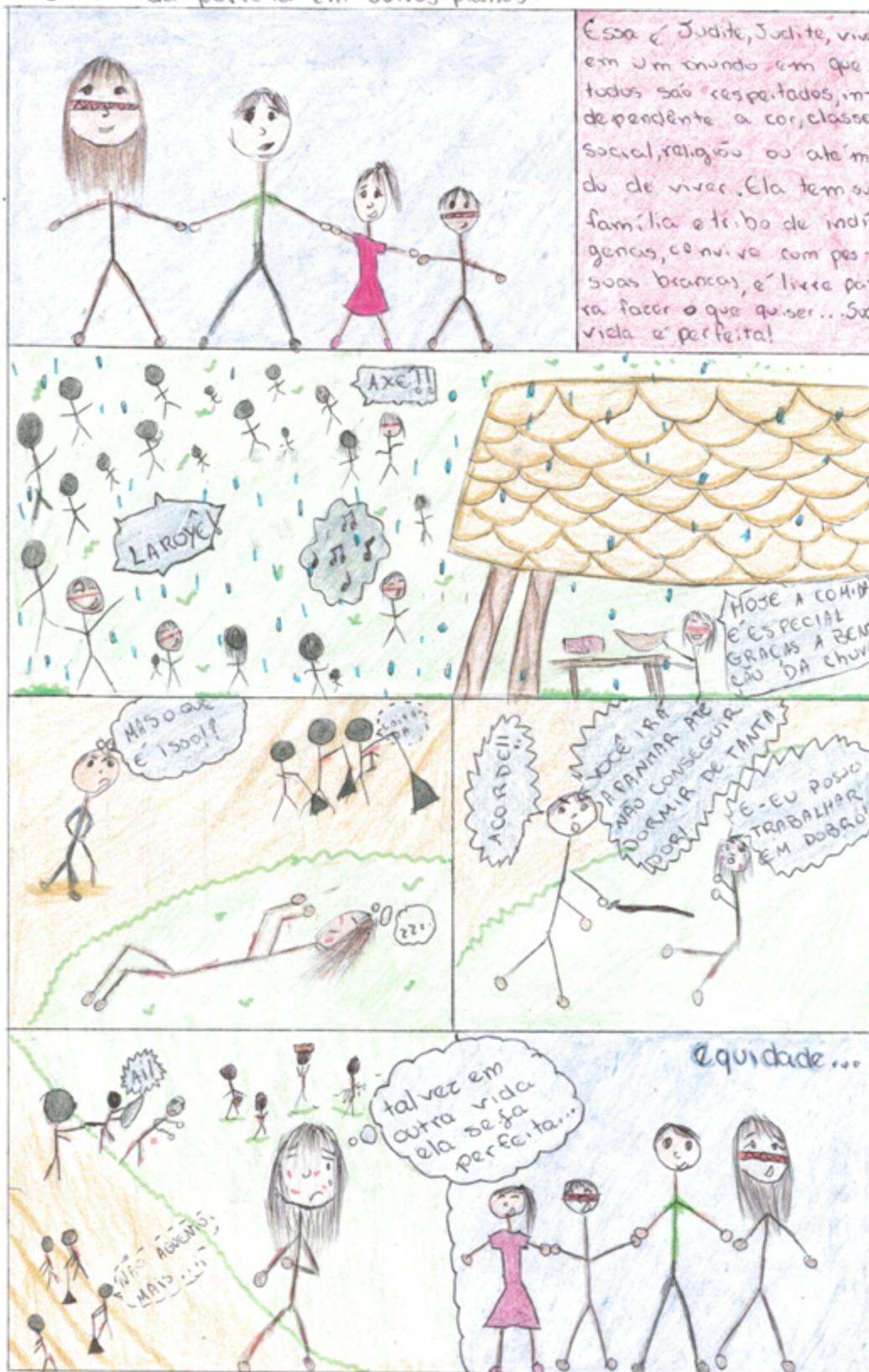
MINHA VIDA SOFRIDA



Escola Estadual Doutor Osmar Francisco da Conceição
Professora Lucimara H. R. Bento

MARIA EDUARDA DE MOURA RINALDI

Uma vida perfeita em outros planos.

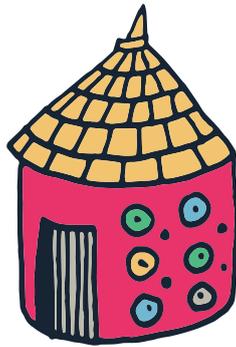


Escola Estadual Doutor Osmar Francisco da Conceição
 Professora Lucimara H. R. Bento

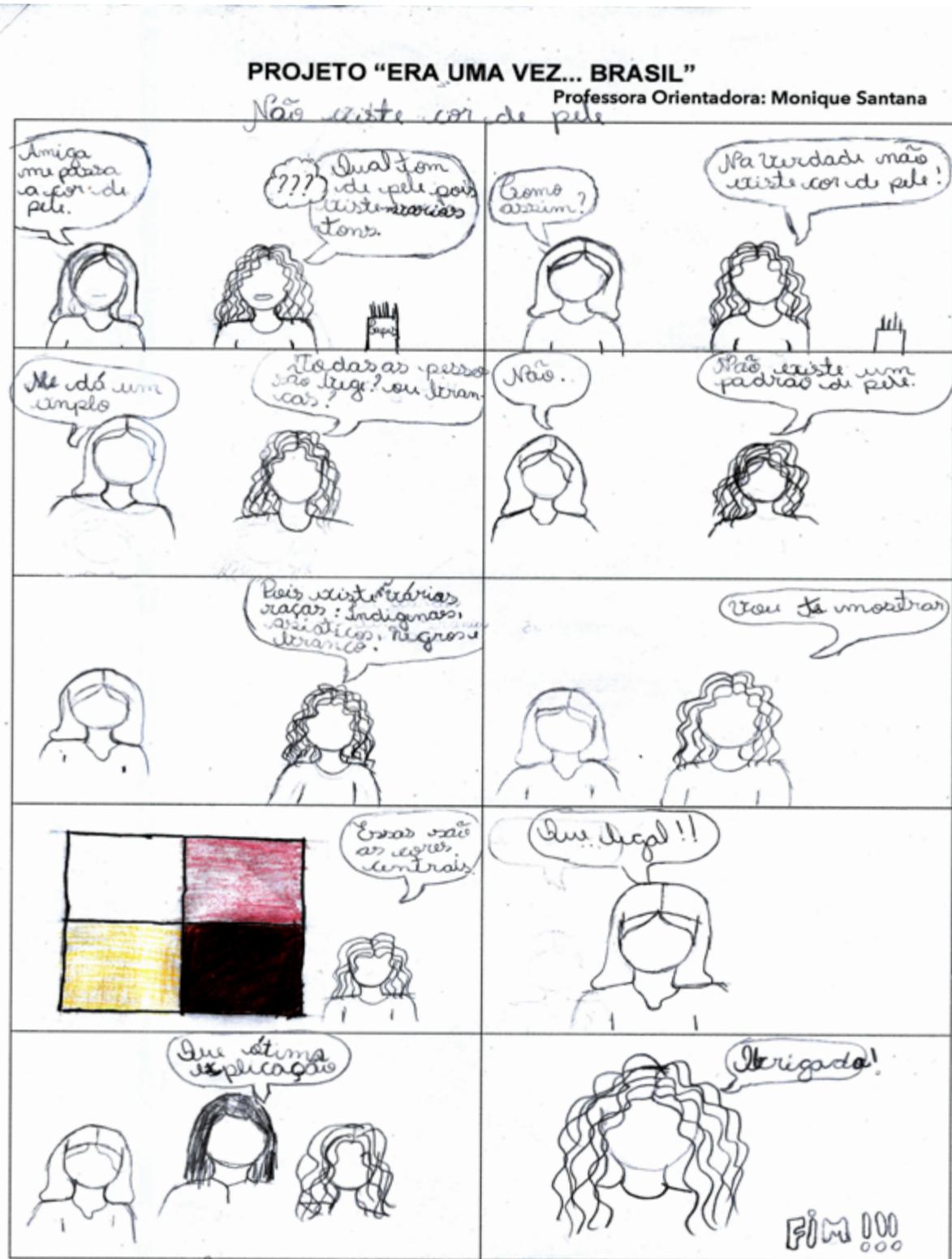


JACOBINA

BAHIA



JENIFFER ALMEIDA DA SILVA



Autor (a): Jeniffer Almeida da Silva

Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira
Professora Monique Santana

Deivson Gabriel Soares - 8 ano

LUTA PELA
INDEPENDÊNCIA
DO
BRASIL

COM A MUDANÇA DA
CORTE PORTUGUESA
PARA O BRASIL,
HOVE DIVERSAS
MUDANÇAS, MAS A
ESCRavidÃO CONTINUOU

COM O PASSAR DOS TEMPOS
AS LUTAS PELA INDEPENDÊNCIA
IA SURTIENDO E GANHANDO
ESPACO, DIFERENTES
FORMAS DE RESISTÊNCIAS
COM O A CRIAÇÃO
DE QUILOMBOS, ETS



COM O PASSAR DOS ANOS
A ESCRavidÃO FOI LEGAL-
MENTE ENCERRADA EM
TODO O PAIS PELA LEI
AUREA

PORÉM NOS DIAS
ATUAIS AINDA
PRESENCIAMOS
CASOS DE TRABALHO
ESCRAVO NO
BRASIL.

SE A GENTE
SE CALAR A
HISTORIA VAI
SE REPETIR. A
LUTA NÃO
ACABA AQUI.





Daniel Araujo de Santana 13/05/2023 / 8º Ano

COMO OS INDÍGENAS VIVIAM ANTES DO "DESCOBRIMENTO"



Cocavam os alimentos

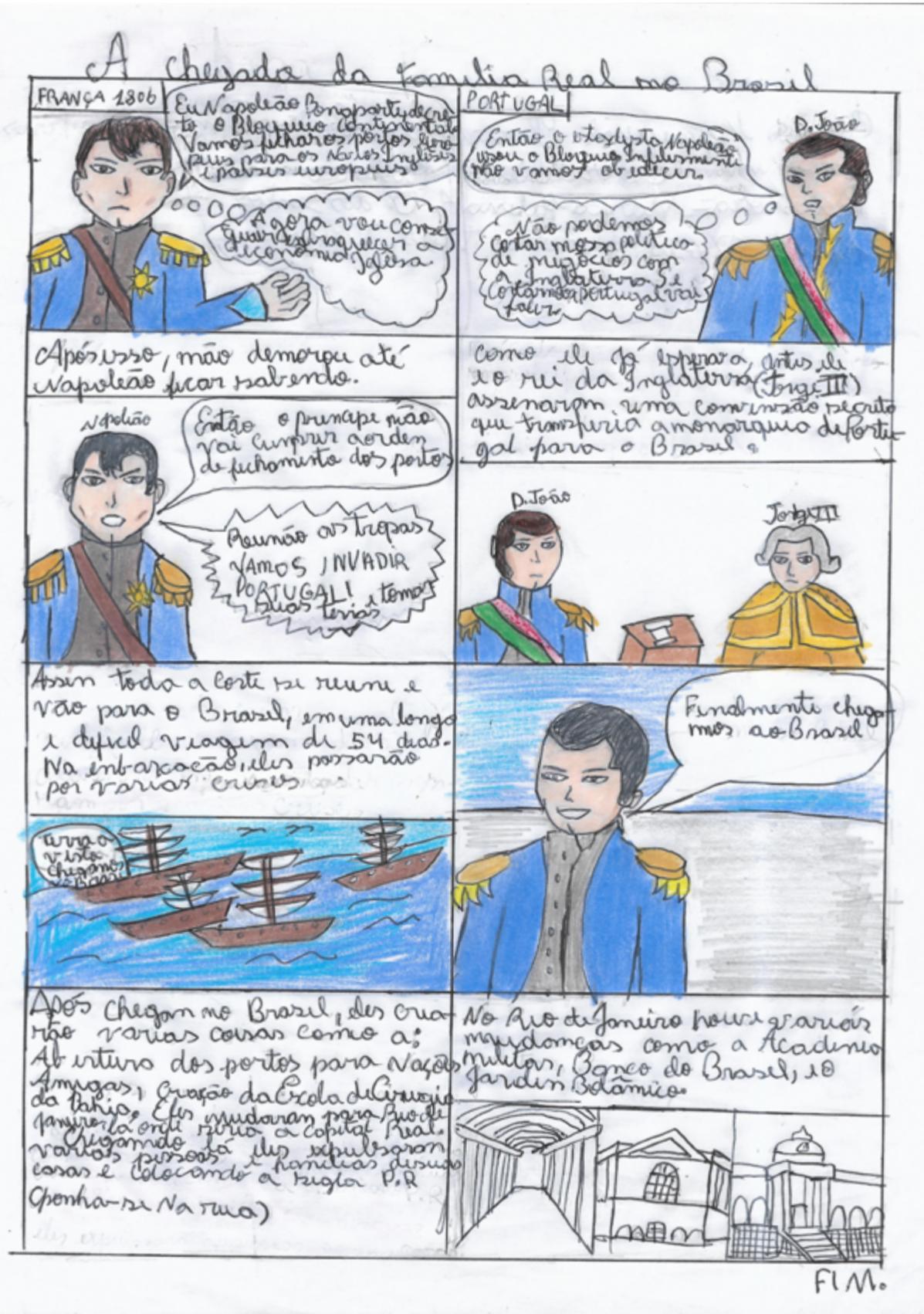


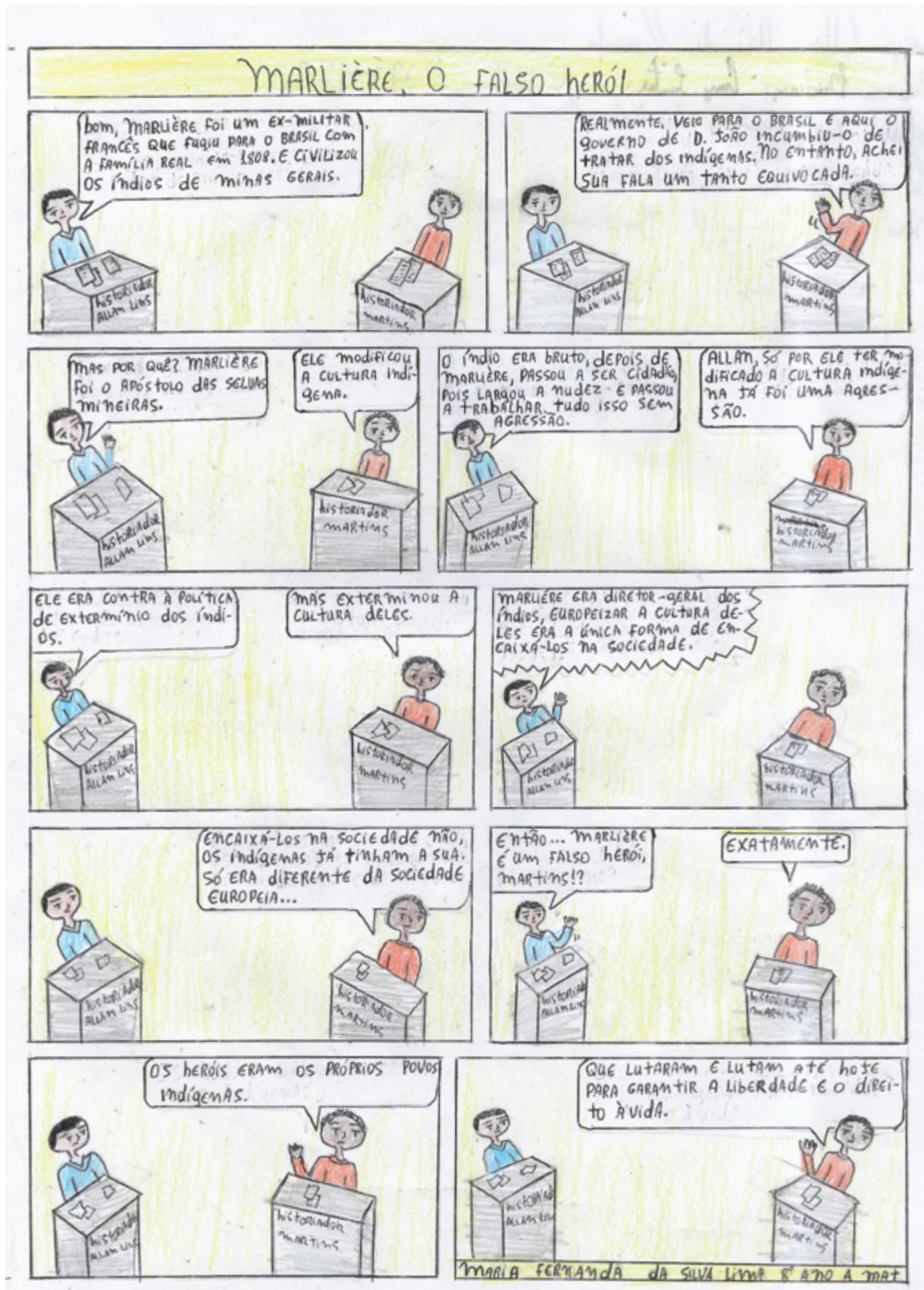
No cotidiano cuida com dos casa dos crianças.



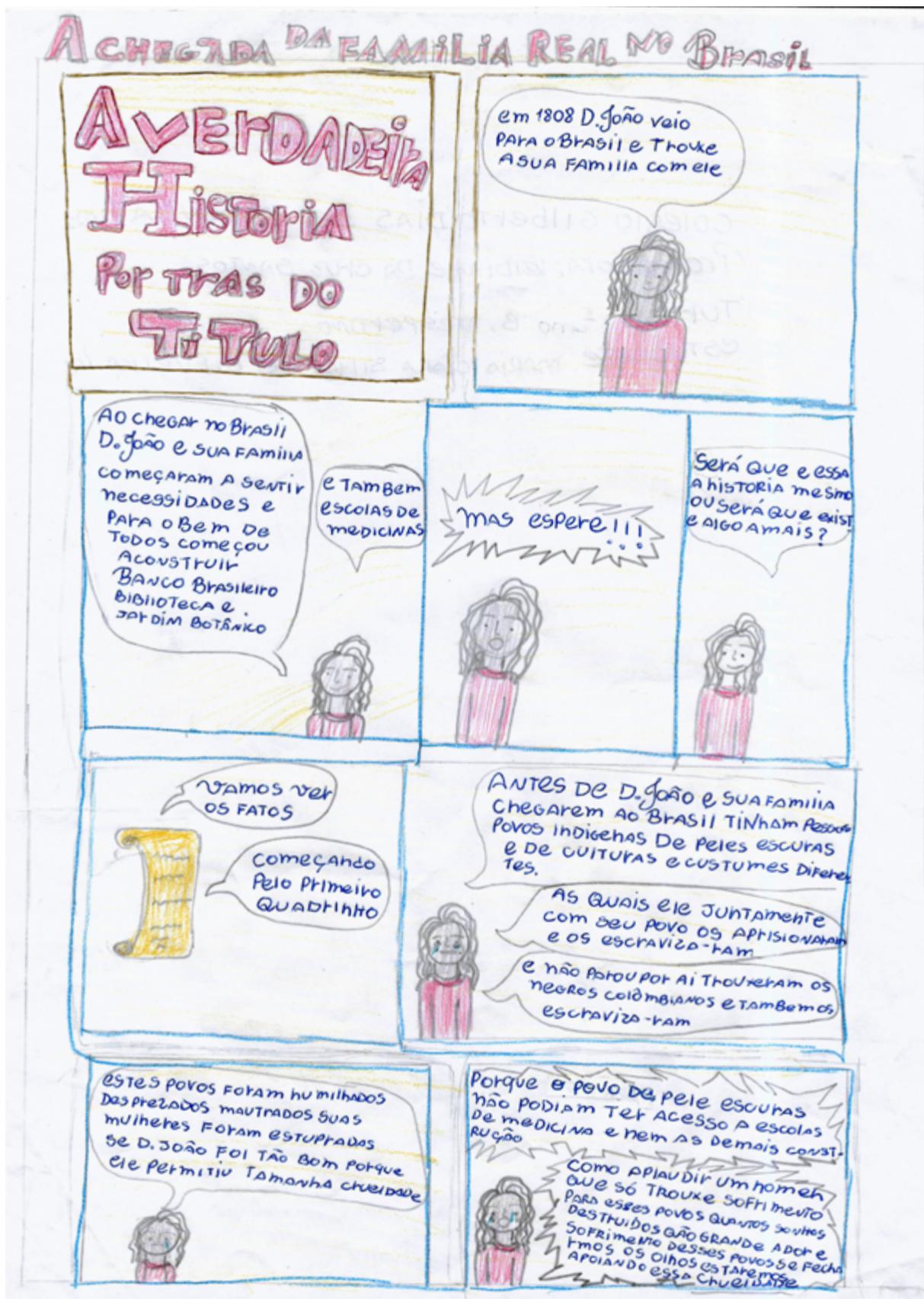
E TUDO MUDA COM A CHEGADA DOS PORTUGUESES









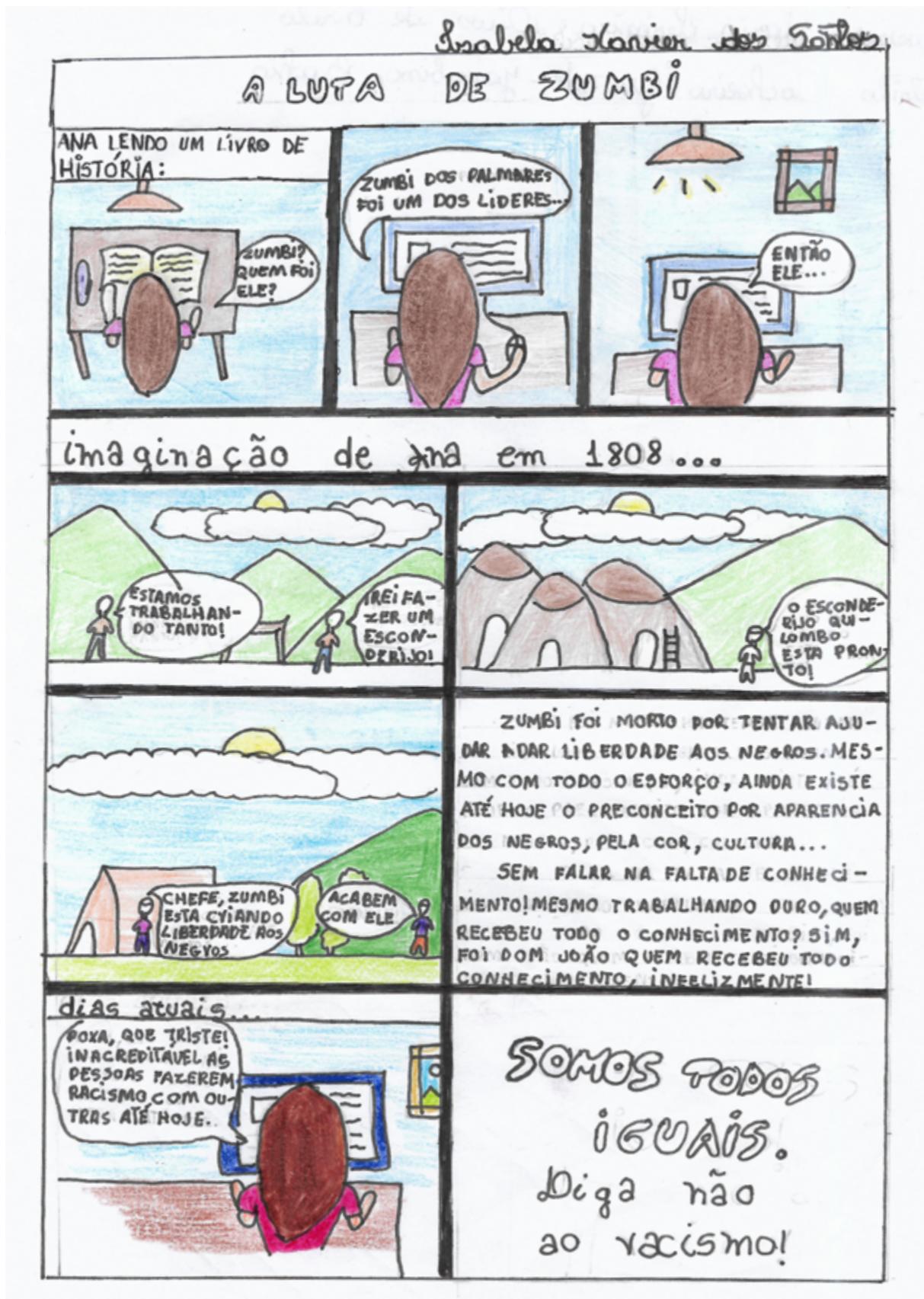


O GAZETA, A FARSA!



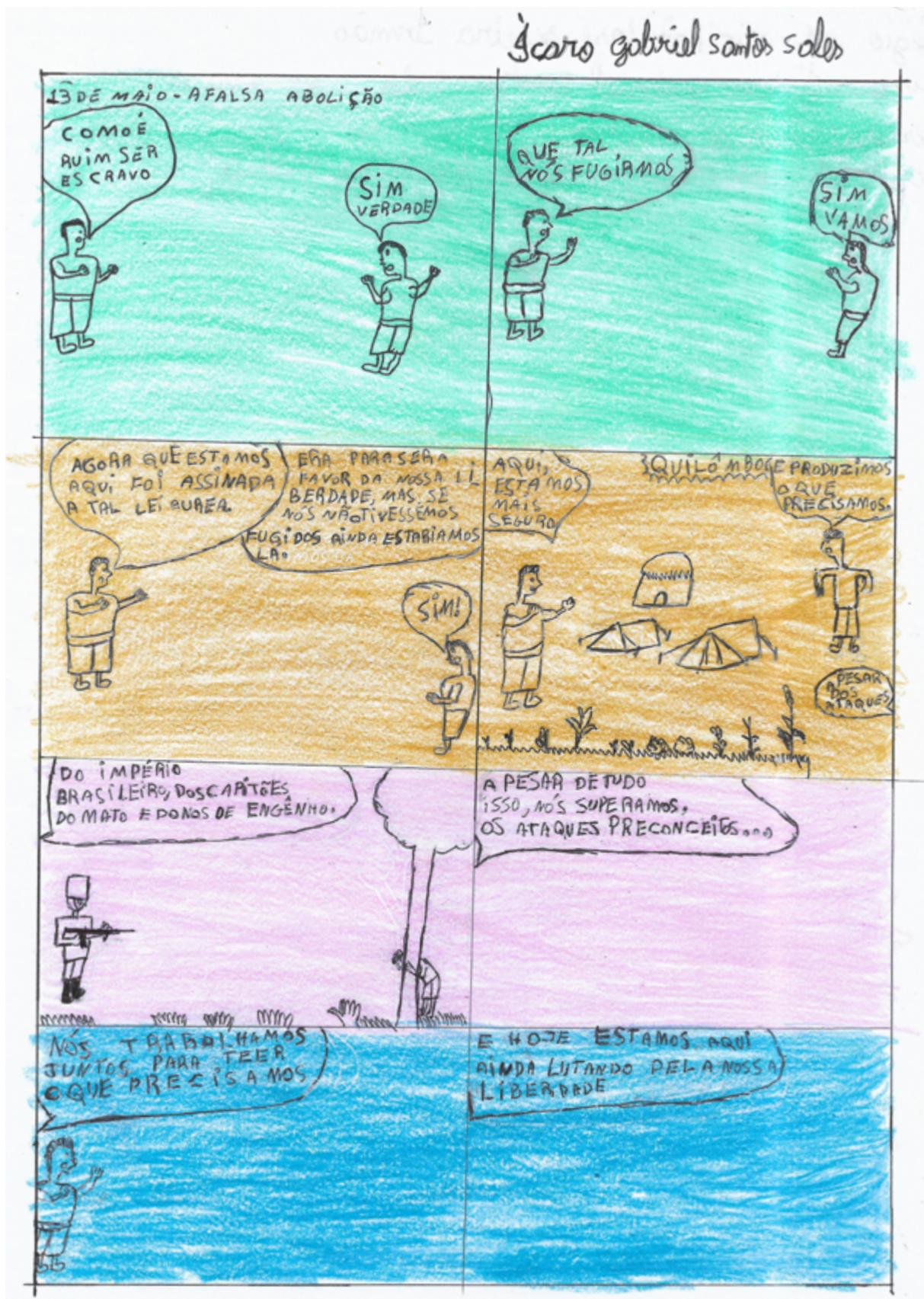
HELOISA SOARES SOUSA





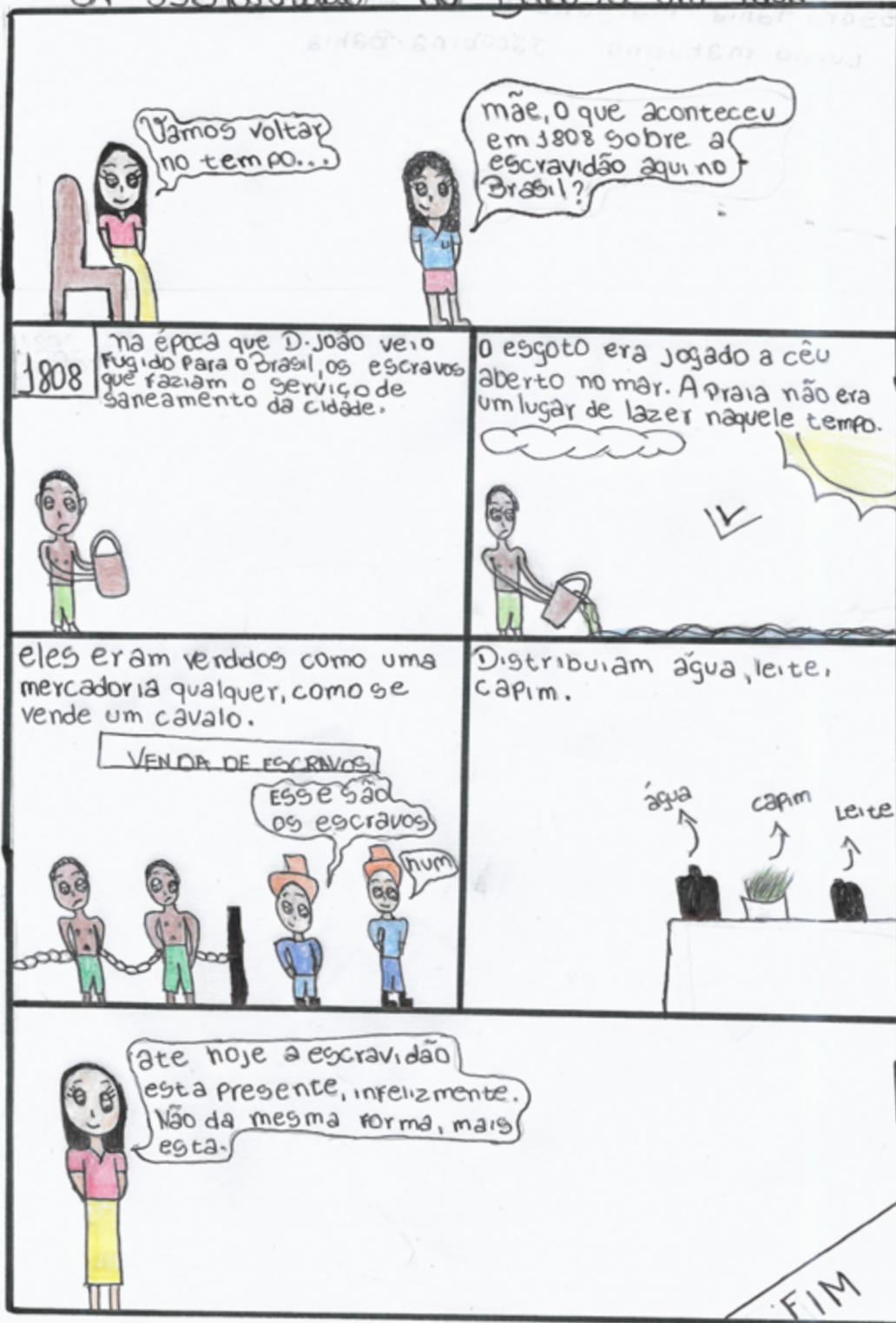


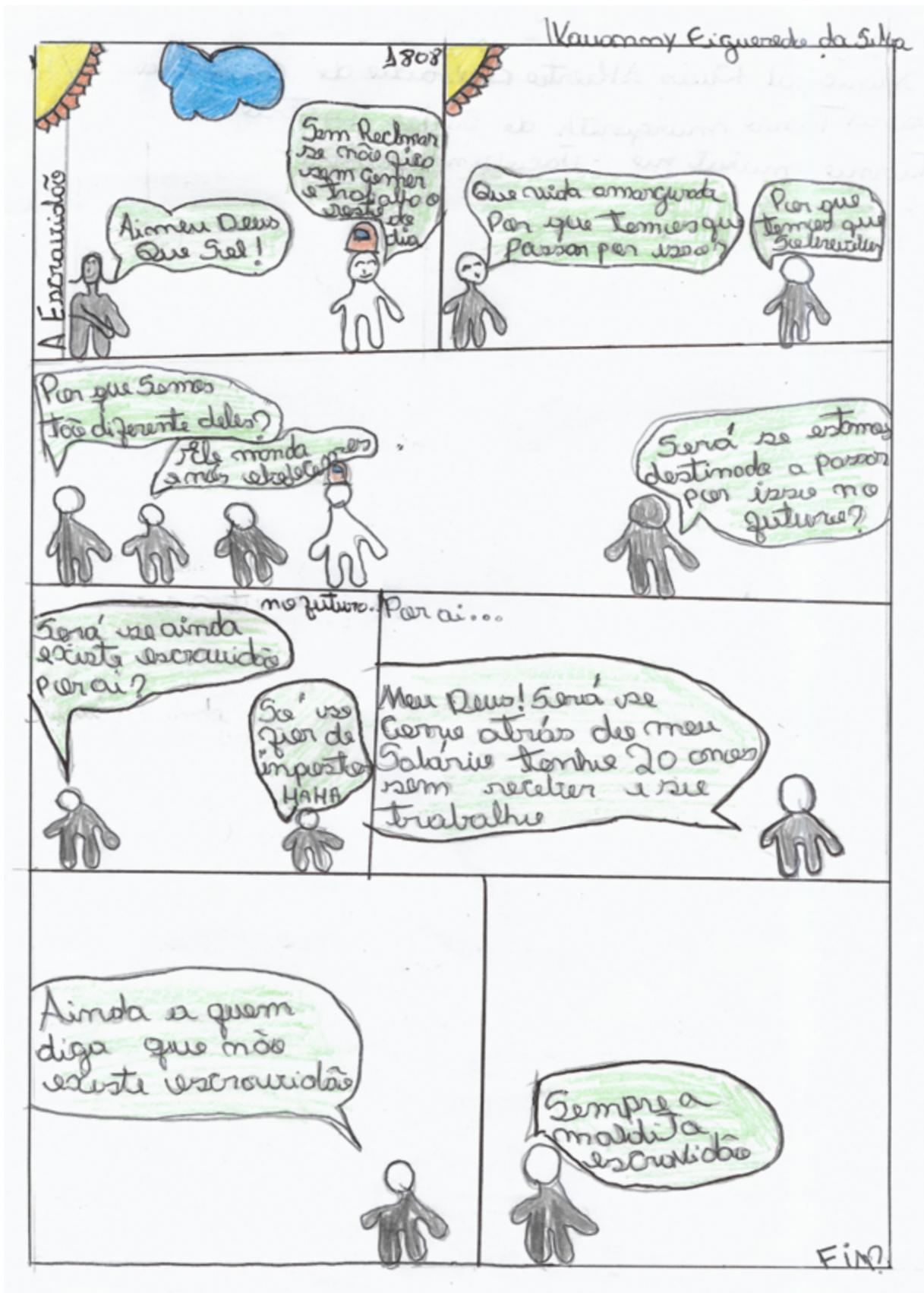




Ingredy de Souza Silva

A escravidão no Brasil em 1808





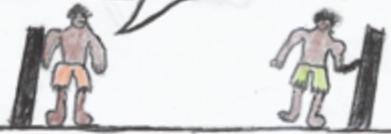
Mário Antonio Vieira de Souza

Quem deveria ser reconhecido?

Só os nobres e reis são reconhecidos por suas riquezas.



Mas os negros e os índios que deveriam ser reconhecidos e seu trabalho ser respeitado já que o mesmo contribuiu muito para manter o luxo dos nobres.



E os índios porque eles fizeram o Brasil e chegaram primeiro.



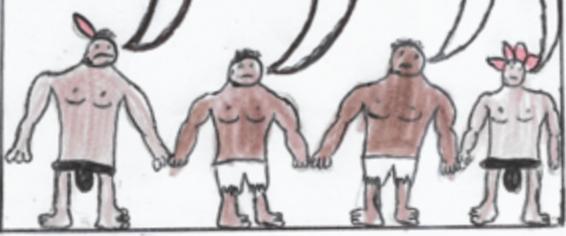
Eles só falam em dinheiro mas eles não agradam a todos.



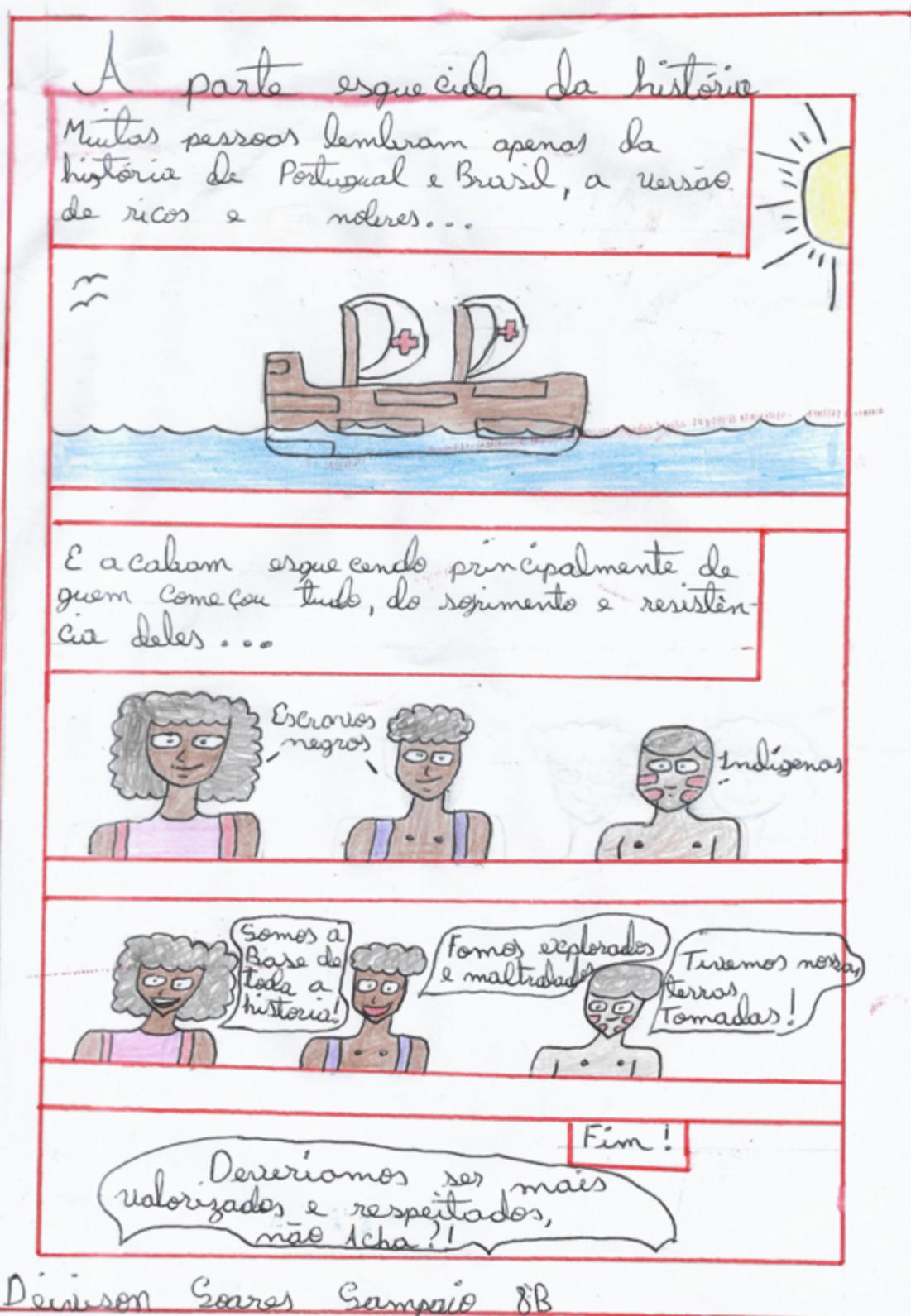
Os reis e os nobres não merecem essa valorização toda.



Por isso, devemos valorizar quem merece.







Deivison Soares Sampaio 8B

Docente: Galbrina Souza Lima

Escola: Núbia Maria Mangabeira Guerra

Atinal, Quem Realmente foram os Heróis?



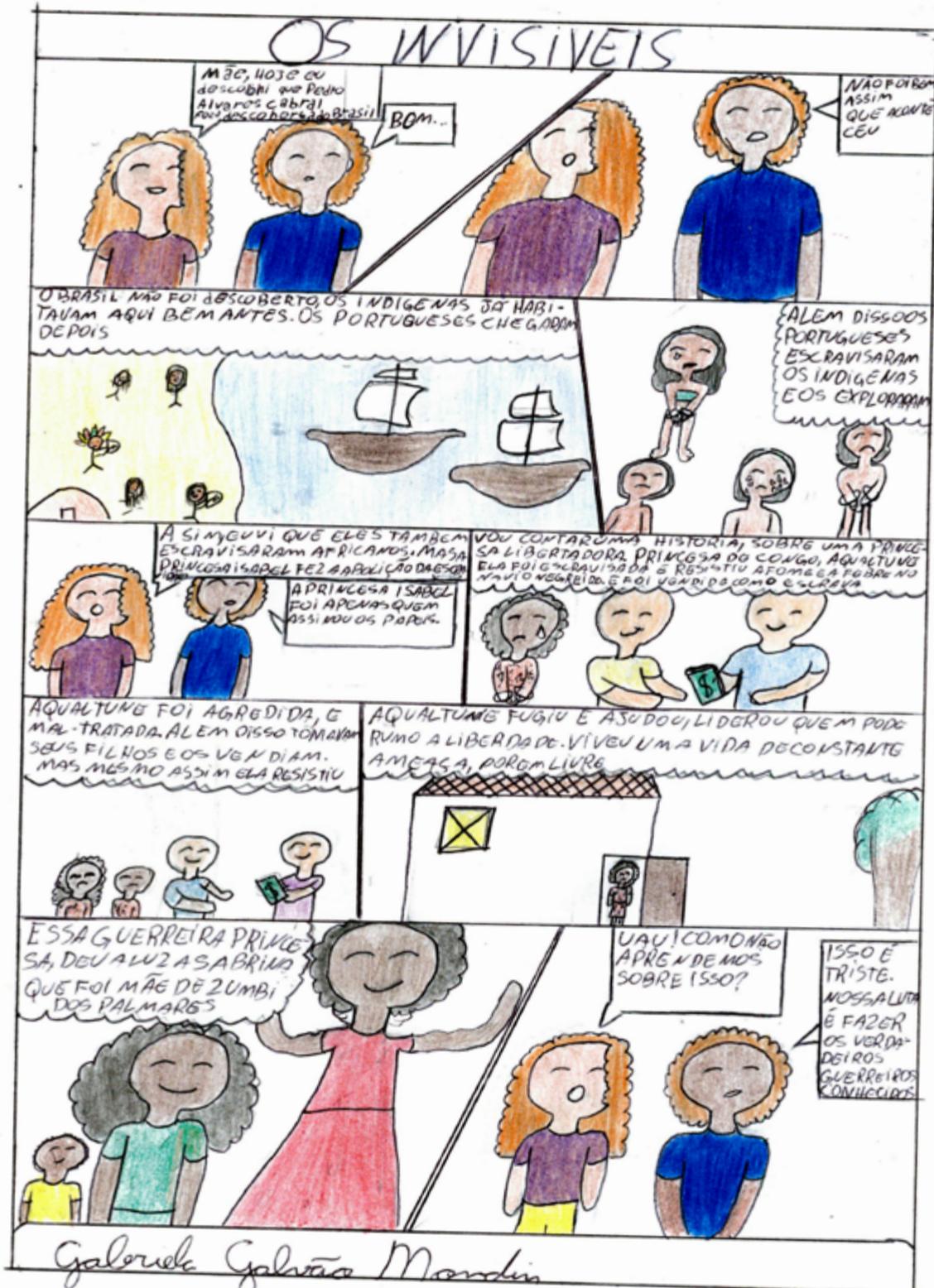
Franciele Gomes Benevides 8º C
Escola municipal Núbia M. M. Guerra
Professor(a): Sabrina Souza Lima



RIBEIRÃO PRETO

SÃO PAULO





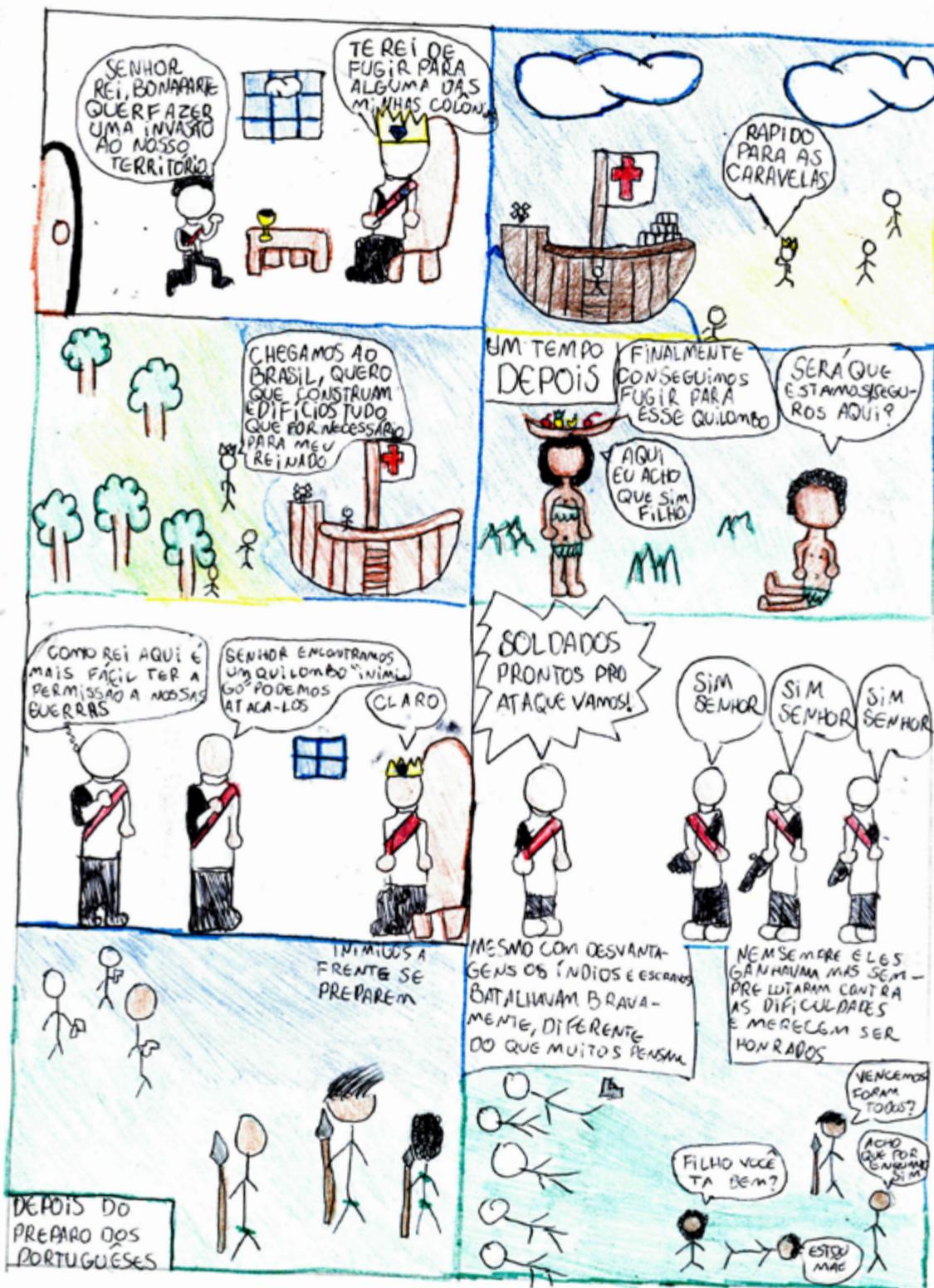
EMEF Professor Alfeu Luiz Gasparini
Professora Isadora Ramundini

JOÃO MARCOS DE SOUZA NERGES



João Marcos de Souza Nerges

EMEF Anísio Teixeira
Professor Luiz Henrique de Andrade Ramburgo



Wendel Eduardo de Lima

A Verdadeira liberdade!!!



EMEF Professor Doutor Domingos Angerami
Professora Cristiane de Moraes Veiga Vilela

PENELOPE DE O. MASTROMAURO

ESCOLA: EMEF ELISA DUBOC GARCIA
PROFESSOR: MAXUEL MATEUS DE JESUS AQUINO
ALUNO: PENELOPE DE OLIVEIRA MASTROMAURO SÉRIE: 8º B

Panel 1: A blonde girl asks, "GENTE A PERGUNTA DE HOJE É: QUAIS FORAM AS MUDANÇAS QUE DON JOÃO FEZ AO CHEGAR NO BRASIL NA ESCRAVIDÃO?" A hand asks, "EU POSSO FALAR?"

Panel 2: The blonde girl says, "NINGUÉM?... TÁ BOM ENTÃO." A hand says, "EU!"

Panel 3: A girl with dark curly hair says, "ELE NÃO FEZ NADA." Another girl asks, "HÁ? COMO ELE NÃO FEZ NADA?!"

Panel 4: A text box reads: "ELE NÃO MUDOU NADA, ELE NÃO LIGAVA PARA A ESCRAVIDÃO DOS NEGROS E DOS ÍNDIOS, E HOJE NÓS NEGROS SOFREMOS RACISMO E DESIGUALDADE POR CAUSA DISSO." A girl with a feathered headband looks on.

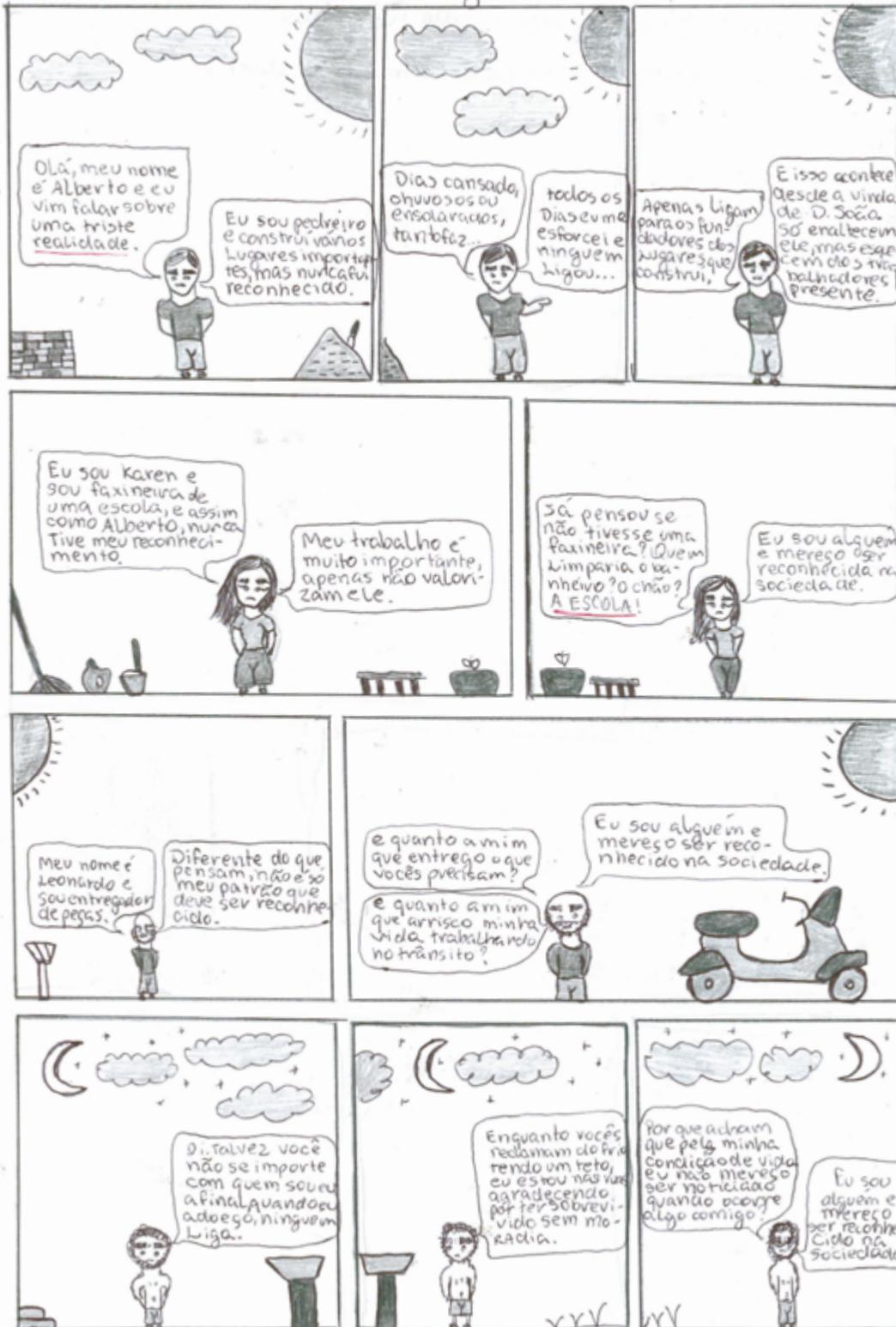
Panel 5: The girl with dark curly hair says, "1550 QUE VOCÊ ESTÁ PALAVDO É MENTIRA! BOM ACEITE SE QUISER, EU SEI QUE VOCÊ NÃO GOSTA DE MIM, EU NÃO LIGO, POIS EU VOU LUTAR CONTRA O RACISMO E A DESIGUALDADE PARA QUE PESSOAS COMO VOCÊ NÃO DISCRIMINE OS OUTROS PELA COR OU APARÊNCIA!"

Panel 6: The blonde girl says, "AFF, VAMOS MUDAR DE ASSUNTO AGORA..."

Panel 7: A text box reads: "NÃO DISCRIMINE NINGUÉM PELA COR, APARÊNCIA, CLASSE, ETC... TODOS NÓS SOMOS IGUAIS NÃO IMPORTA A COR NEM A APARÊNCIA! SEJA CONTRA RACISMO!"

EMEF Professora Elisa Duboc Garcia
Professor Maxuel Mateus de Jesus Aquino

O Reconhecimento Desigual na Sociedade



Nome: Geovanna Silva de Farias

EMEF Professora Eponina de Britto Rossetto
Professora Claudinéia Nogueira Lima Custódio

História Mandada II



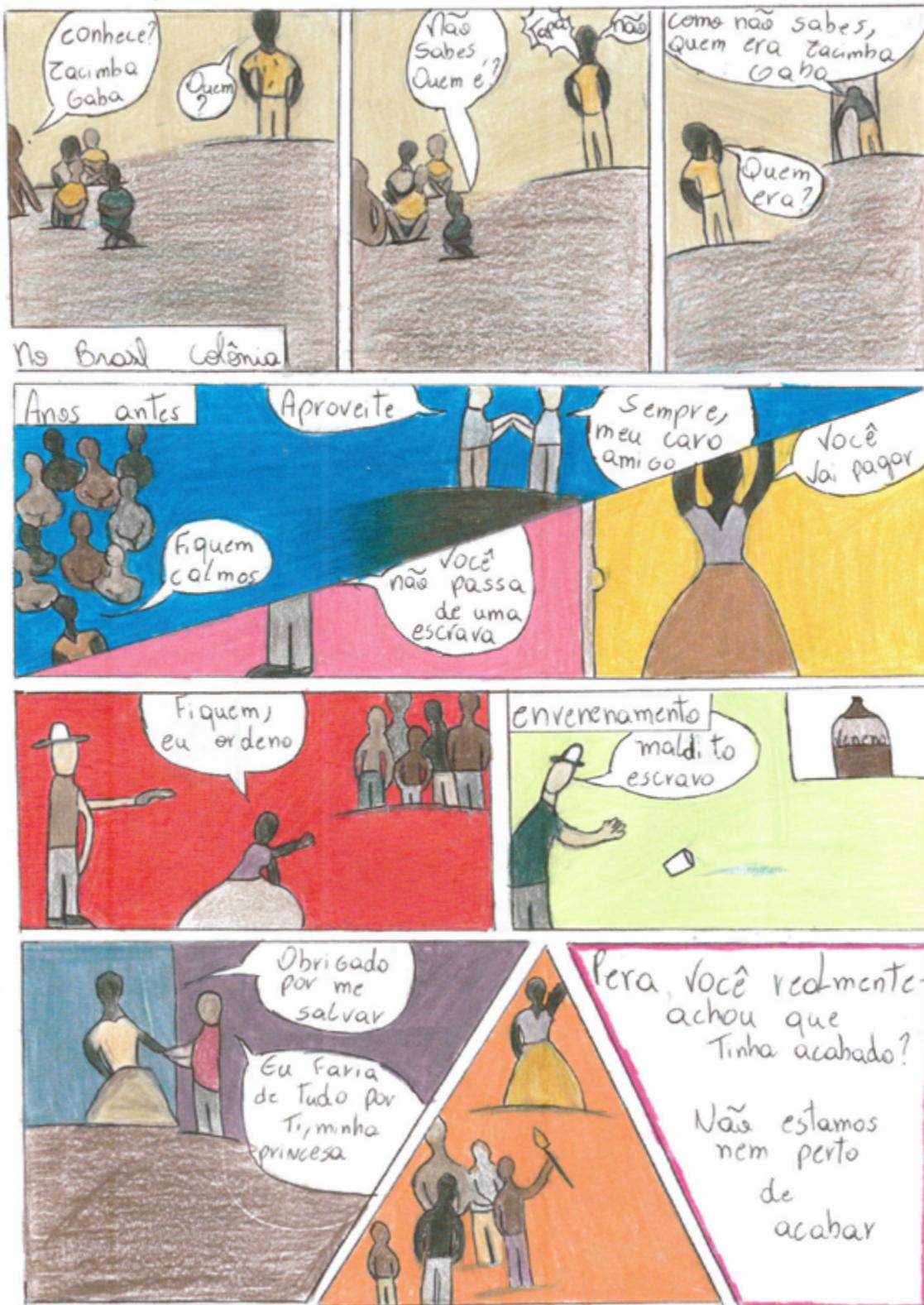
COMO MUDAR AS COISAS SE QUEM ESTÁ NO PODER É O OPRESSOR?

Gustavo V. C. Silva

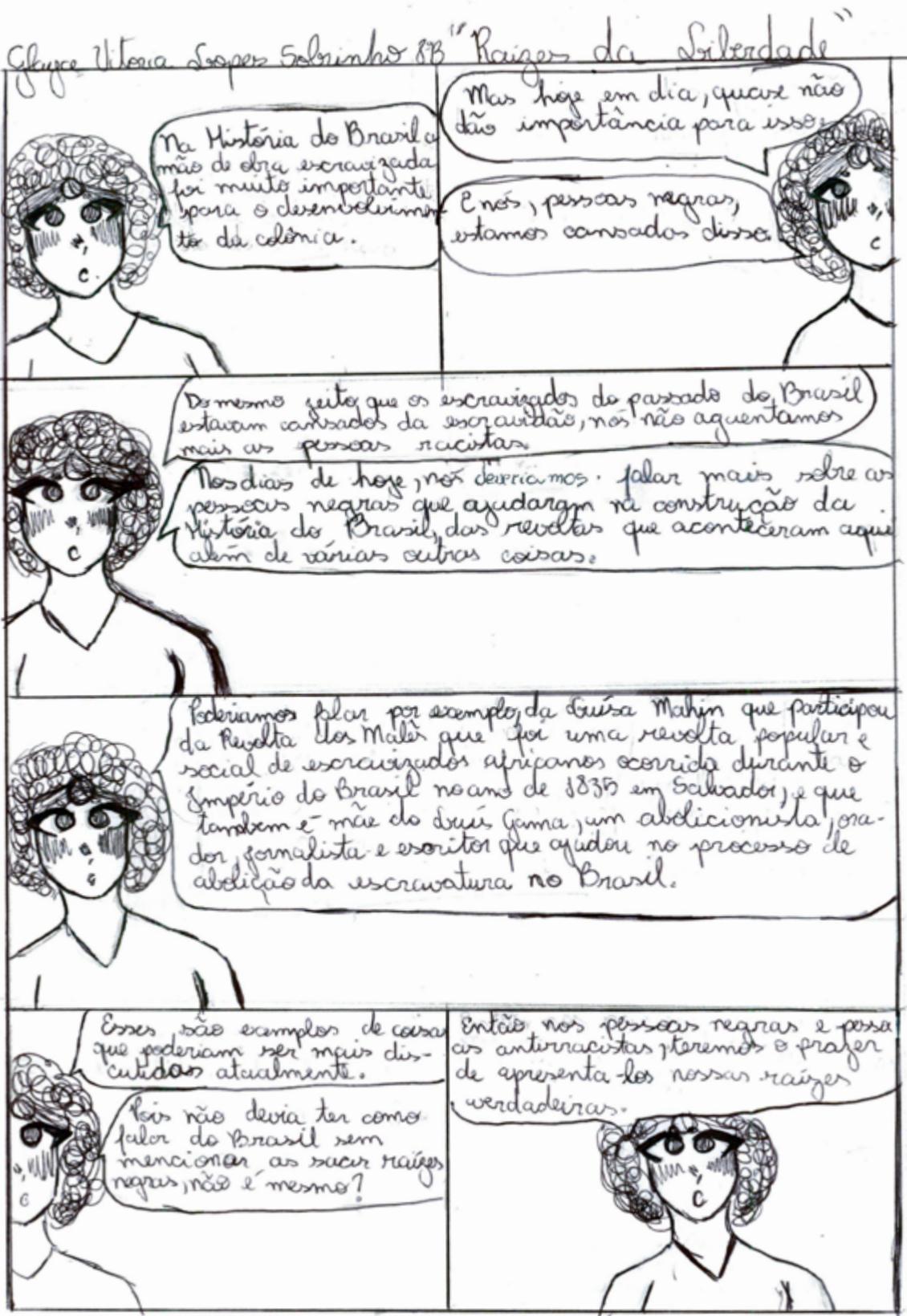
EMEF Vereador José Delibo
Professora Sandra Maria Maciel Nunes

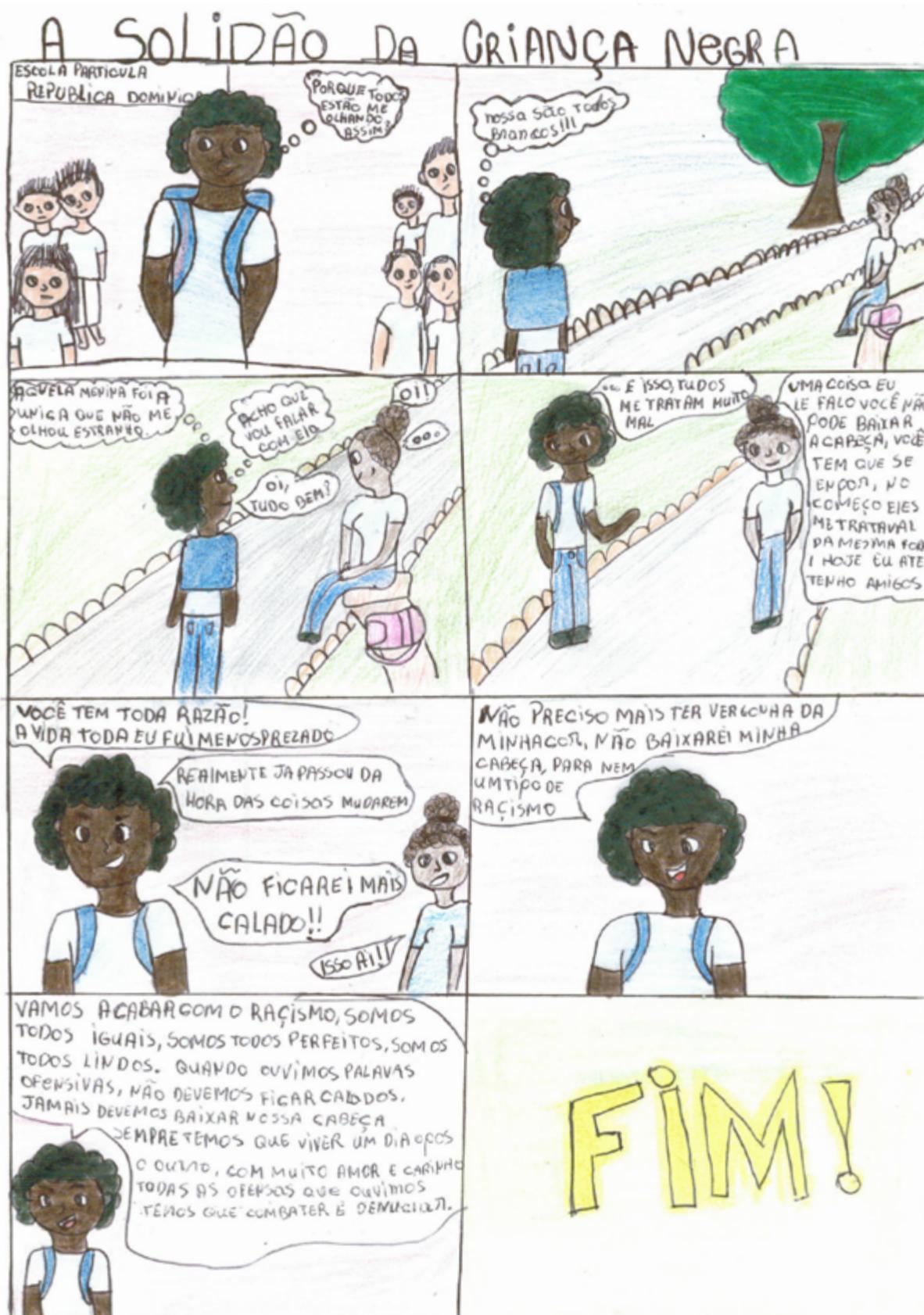
RYANNA CRISTINA DOS S. PEREIRA

Ryanna Cristina dos Santos. Pereira



EMEF Vereador José Delibo
Professora Sandra Maria Maciel Nunes



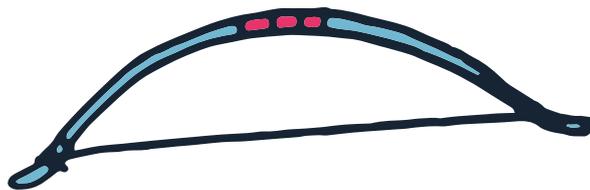


EMEF Professora Neuza Michelutti Marzola
Professora Jéssica Teixeira Careon



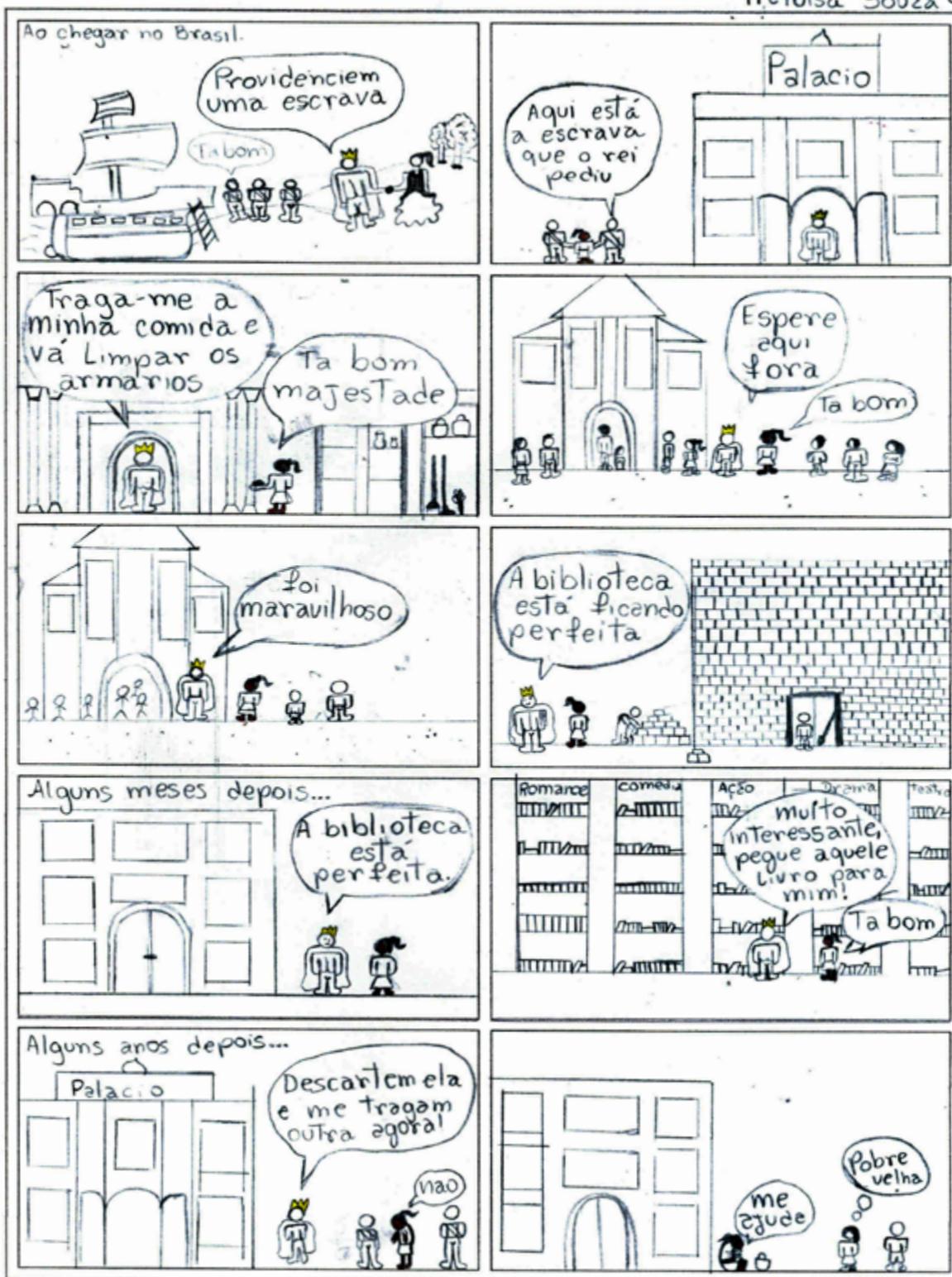
SERRANA

SÃO PAULO



A vida da jovem sofrida.

Heloisa Souza 8-A







EMEF Maria Celina Walter de Assis
Professora Larissa Teixeira Arcencio

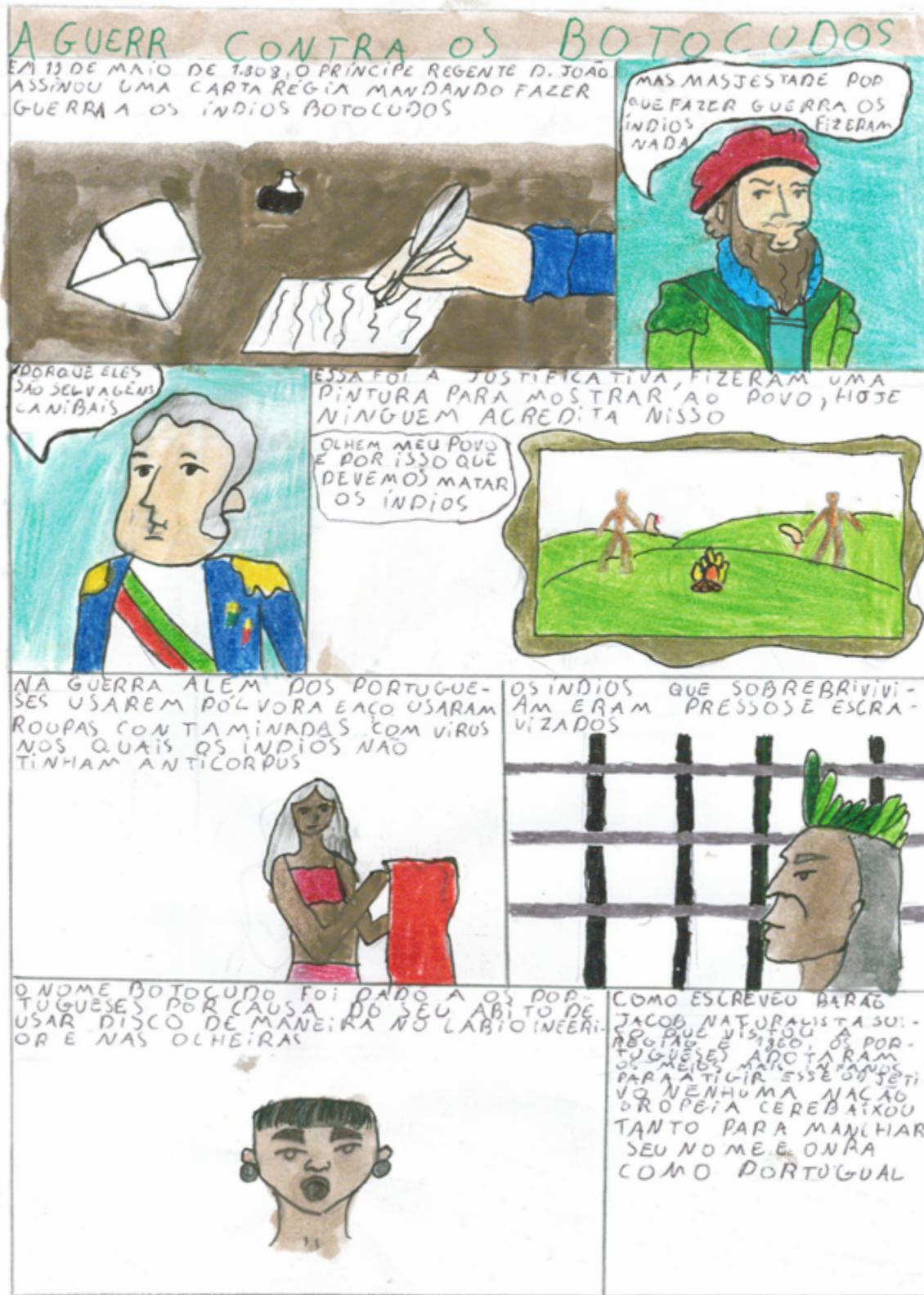
FERNANDA CORREIA MENEZES

Fernanda Correia Menezes - 8H



EMEF MARIA CELINA WALTER DE ASSIS

EMEF Maria Celina Walter de Assis
Professor Humberto Garcia Diogo





EMEF Maria Celina Walter de Assis
Professora Larissa Teixeira Arcencio

MARIA VITÓRIA NUNES DE BRITO

Em 1808 milhares de pessoas desembarcaram no Brasil entre elas o príncipe D. João que trouxe junto com ele sua família real, e toda a corte, ele veio para o Brasil para fugir de Napoleão Bonaparte que estava entrando em guerra com Portugal. O idêntico de D. João era ir pro capital de Brasil que no época era no Rio de Janeiro, mas antes passou por Salvador. Lá assinou um decreto que permitiu a abertura dos portos brasileiros às nações europeias aliadas a Portugal.

A chegada de D. João VI ao Brasil

Maria Vitória Nunes de Brito



Aqui no Brasil ele fundou o Banco do Brasil, instituiu a Imprensa Régia, fundou a Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional), a Academia Real Militar, fundou a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, e controlou um grupo de artistas franceses para coordenar os trabalhos.



Com essas melhorias ele beneficiou muito a família real, a corte portuguesa e os portugueses que estavam chegando ao Brasil, mas esquecendo das pessoas que já habitavam aqui no Brasil, os índios, os escravos e negros que era a classe baixa do Brasil. Podemos dizer assim. Ele até ajudou alguns mais não fez diferença no número de escravos que ainda tinha aqui.

Em 1818 após a morte de sua mãe o príncipe regente D. João é coroado rei, passando o ser chamado de D. João VI.



Em 1820 lá em Portugal teve o início do Revolução do Porto, isso era tipo um protesto para D. João VI voltar para Portugal já que Portugal já tinha ganhado a guerra e Napoleão Bonaparte já tinha sido preso então o rei e Portugal não está sofrendo mais dor, e se o rei não voltasse perderia seu ^{Porto}.

Em 1821 D. João VI retorna a Portugal mais em 10 de março de 1826 ele faleceu, dizem que ele faleceu por um suposto envenenamento.

TÓDOS JUNTOS CONTRA O RACISMO!!!



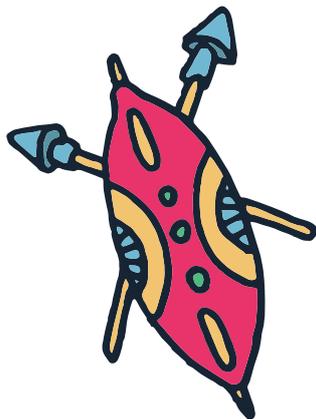
Em 1888 finalmente acabou a escravidão! mas não o racismo a luta continua!



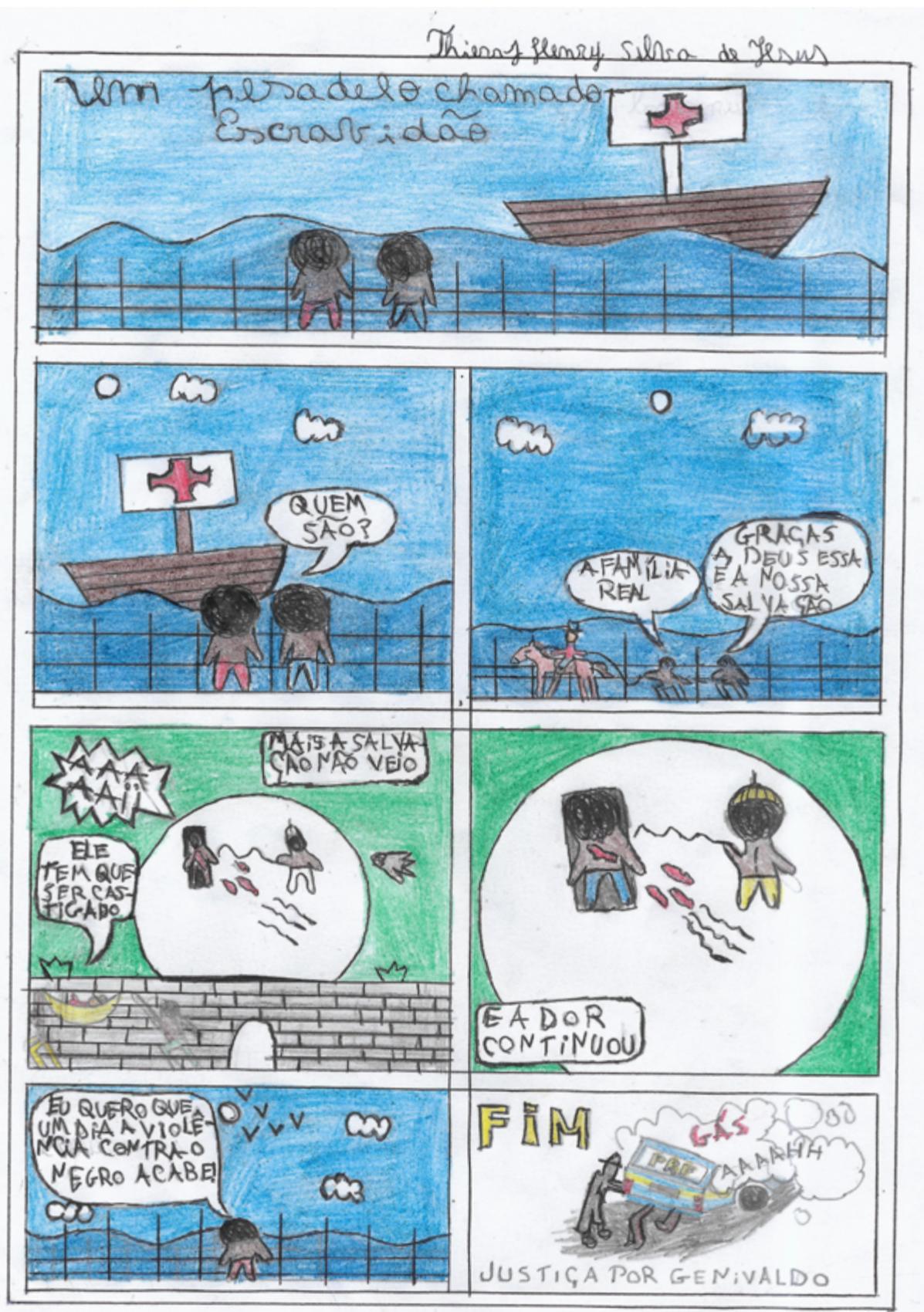


SALVADOR

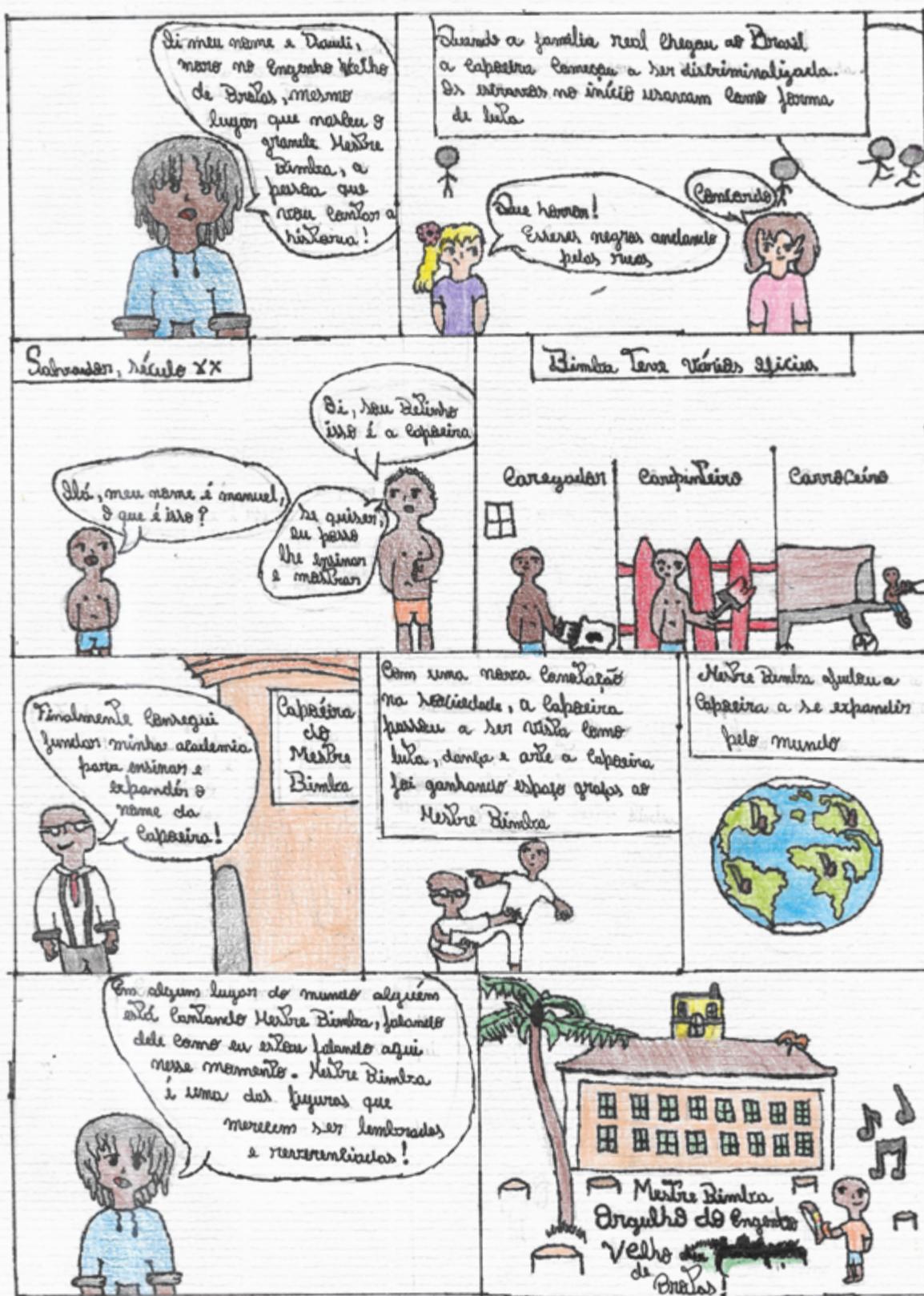
BAHIA





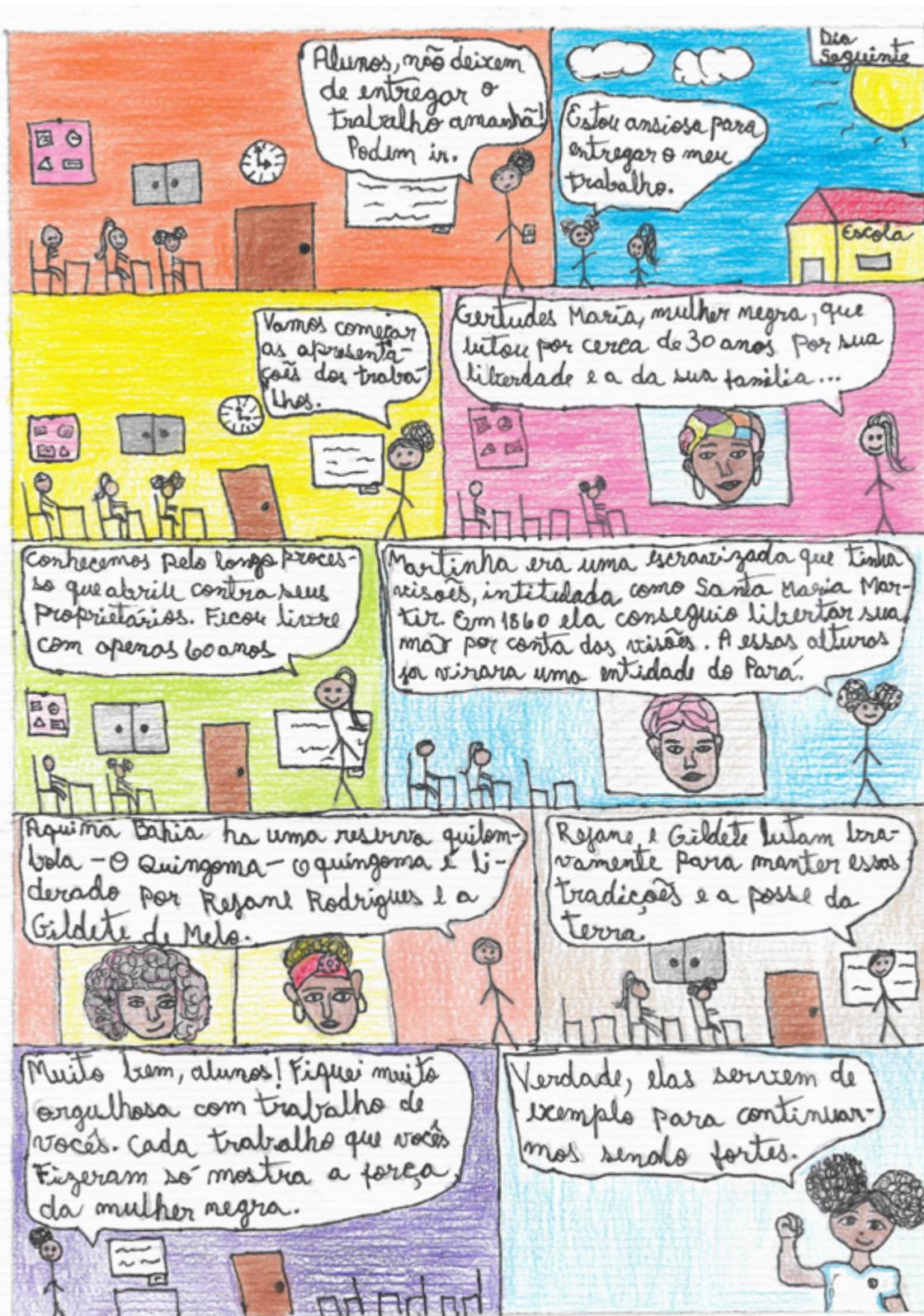


Escola Municipal Alfredo Amorim
Professor Raul Barreto



Daudi Akil da Silva Santos

Escola Municipal Amélia Rodrigues
 Professora Viviane Almeida



Melissa Silva Gonçalves

Renata Alves Monteiro





Maria clara Santos Rios. *Assinatura*





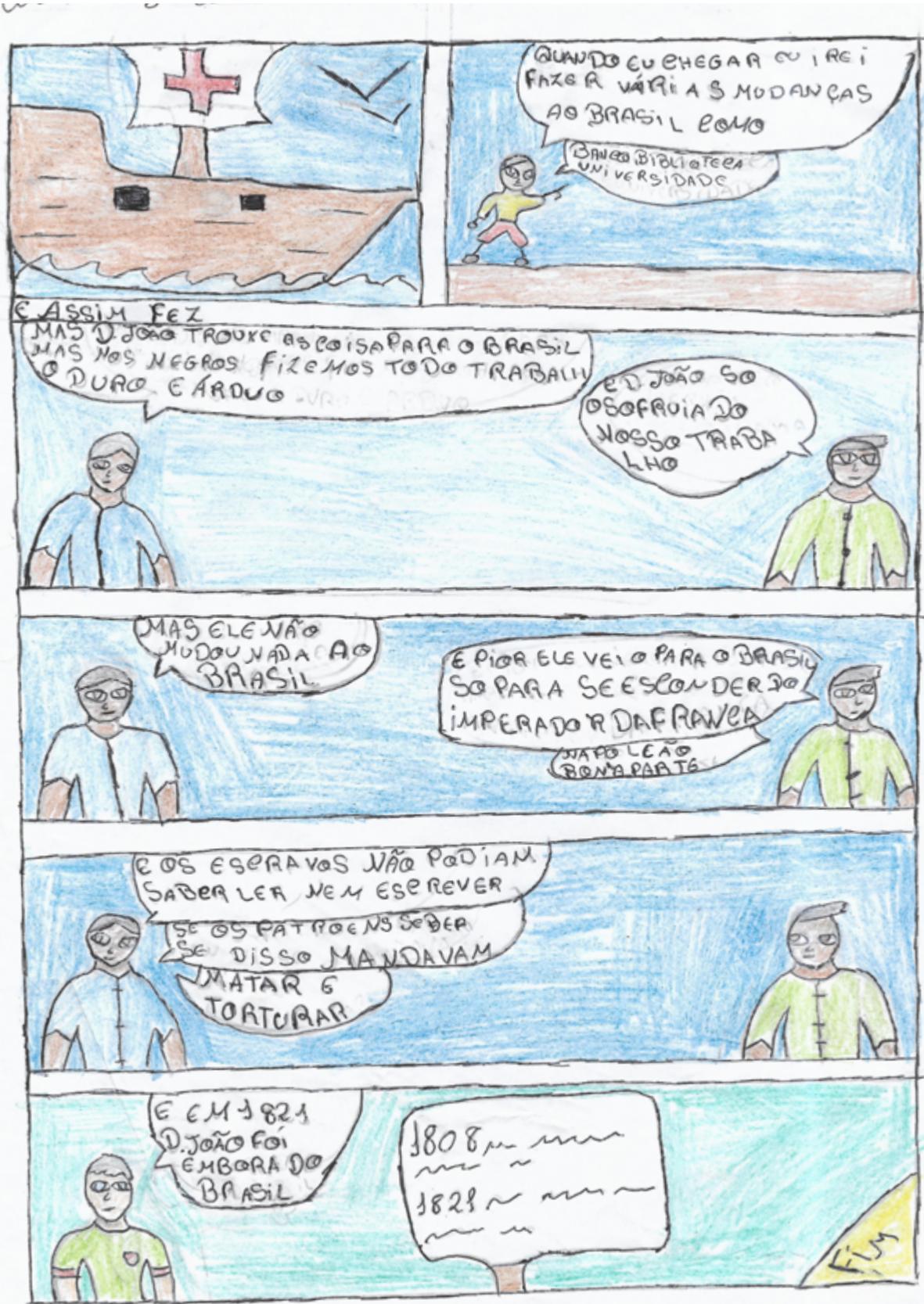
Escola Municipal José de Paula Moreira
Professor Matheus Buente

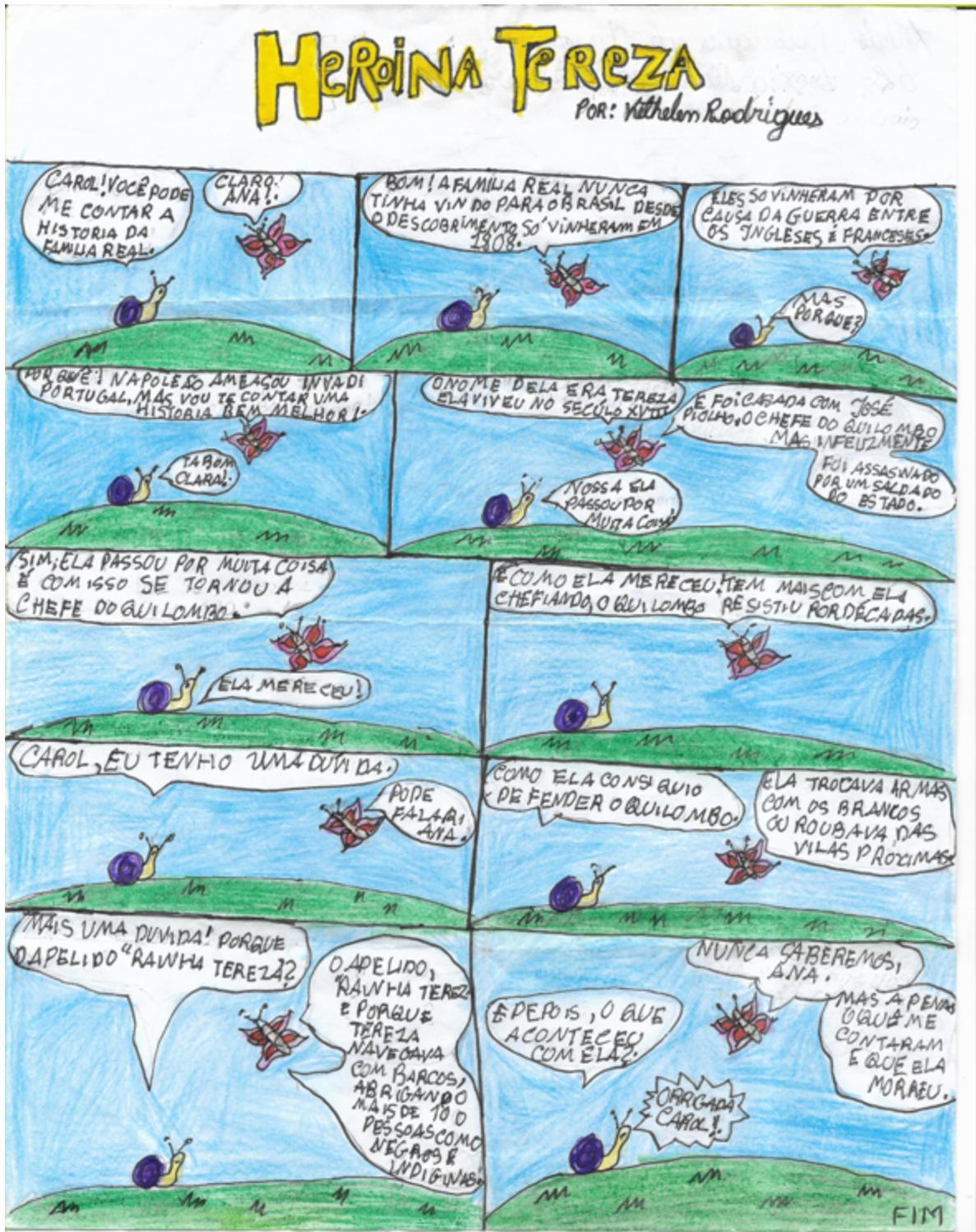
CAUÁ REIS DOS SANTOS

Memória de uma ex-escravizada sobre
a semelhança sagrada de um
Babeló



Escola Municipal Pirajá da Silva
Professora Erenita Tânia

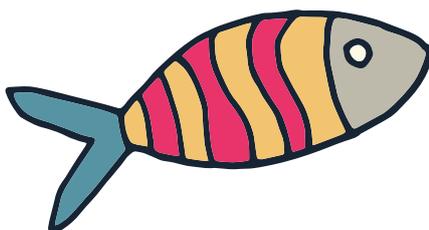






MATA DE SÃO JOÃO

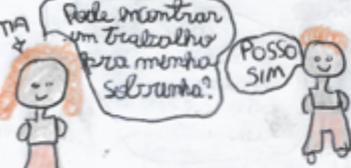
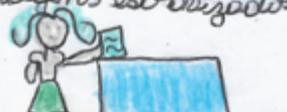
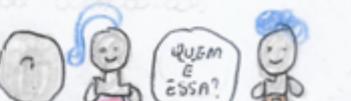
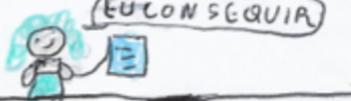
BAHIA

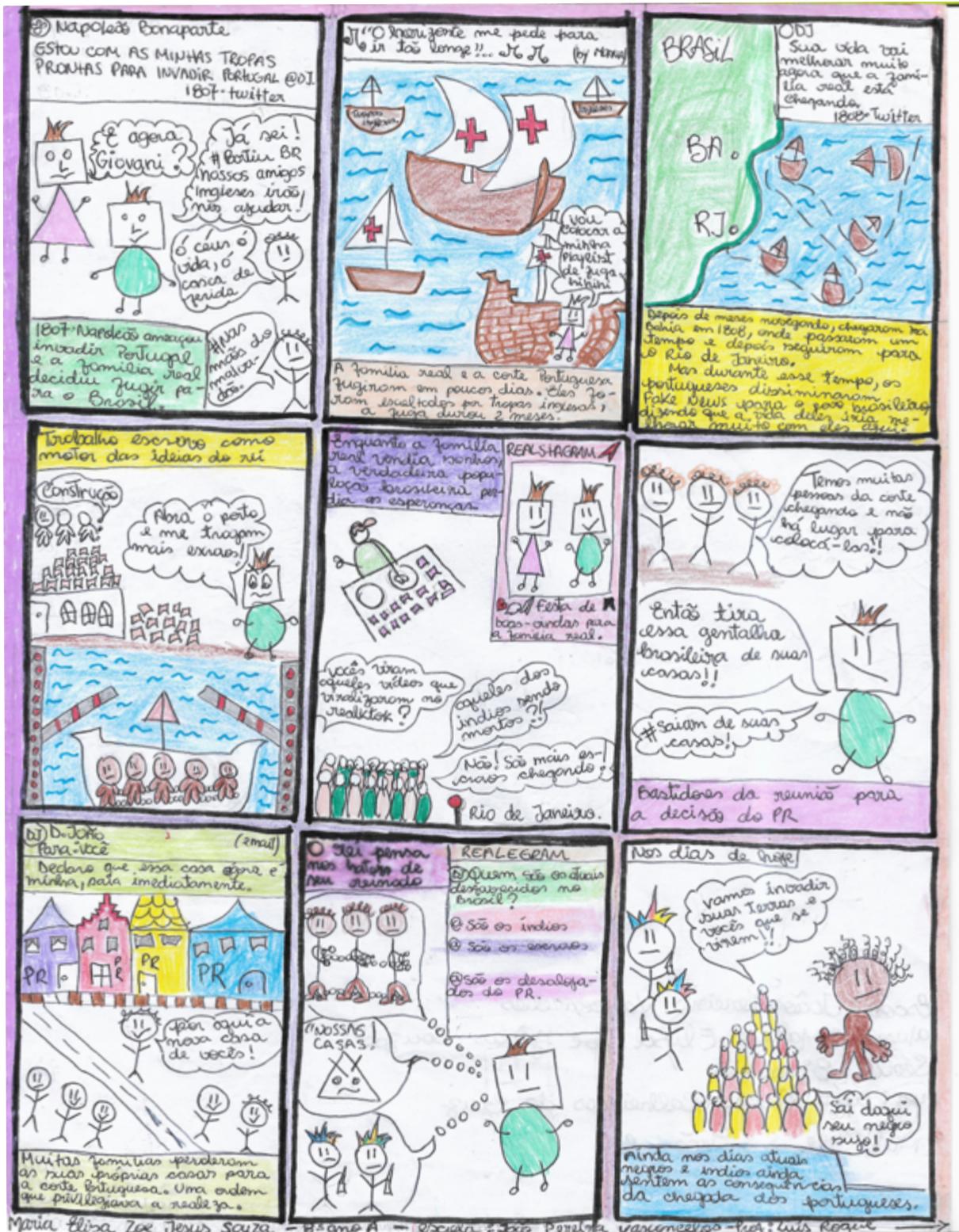




MARIA FIRMINA

Júlia Cavalcante Lopes
8ª A

<p>Maria Firmina nasceu na ilha de São Luís (MA) em 11 de outubro de 1825.</p> 	<p>Ela filha de um pai negro e mãe branca, ela não tinha uma boa condição. E daí ela foi morar com sua tia materna, que ela sim, tinha uma boa condição.</p> 	
<p>Foi na casa dessa tia, que Firmina teve contato com as referências culturais que a encaminharam para o trabalho com as letras e com a educação.</p> <p>TA: Pode montar um trabalho pra minha sobrinha? POSSO SIM</p> 	<p>Firmina foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão para o cargo de professora primária.</p> <p>QUE FELICIDADE! APROVADA: MARIA FIRMINA</p> 	<p>Tornou-se professora, ocasião em que se tornou a primeira em um palanque nas costas de escravizados nas ruas de São Luís.</p> 
<p>A postura antiescravista foi uma tônica que atravessou sua vida e obra. Embora, à época, fosse difícil para uma mulher manifestar seu epíteto a respeito da escravidão.</p> <p>Seu antiescravista: UH HAAA UH</p> 	<p>depois da sua luta ela fez seu primeiro romance em 1822-1917 fez o romance, visível (1859) algo até então impensável, um instrumento de crítica à escravidão por meio da humanização do personagem escravizado.</p> 	<p>Esquecida por décadas, sua obra só foi reaparecida em 1962 pelo historiador paraibano Heráclio de Almeida. E até hoje seu texto verdadeiro e desconhecido nos registros oficiais da câmara dos Vereadores de Guimarães.</p> <p>QUEM É ESSA?</p> 
<p>Após, depois, quando já se formara como escritora e professora e autora polilírica um conto amado mas ótico, 'A Escrava', que conta a história de uma mulher de classe alta com nome que tentou sem sucesso, salvar uma mulher escravizada.</p> <p>EU CONSEGUI!</p> 	<p>Lançamento do livro "A Escrava" (1887)</p> 	



Mateus Almeida Rodrigues de Souza



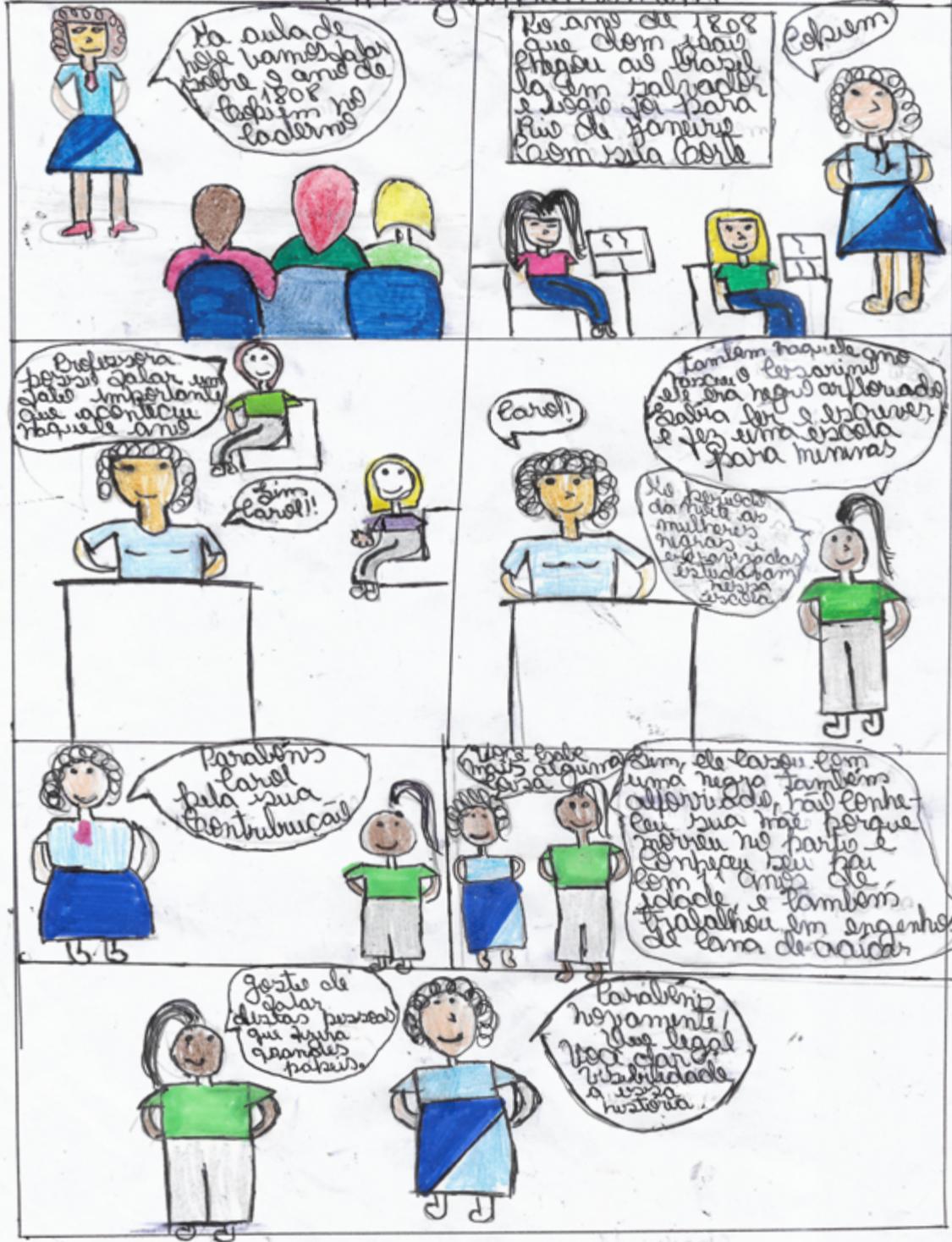
Escola Municipal José de Almeida Seixas Filho
Professor Bráulio Rodrigues





Emanuele Moura Rodrigues

Um grande homem



Créditos

PATROCINADORES

Grupo Moura
Lwart Soluções Ambientais
RTE Rodonaves
Yamana Gold
Usina da Pedra

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Marici Vila - Origem Produções

ADMINISTRAÇÃO

Silvana Vila de Jesus
Tatiane Padilha

ASSESSORIA CONTÁBIL

Carvalho Ramos

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Giovane Godoy
Robson Costa Santos

ESTAGIÁRIO

Pedro Henrique Vila Parreira

SECRETÁRIA

Bárbara Scatena

COORDENAÇÃO GERAL

Guilherme Ramos Parreira

CURADORIA

Alessandra Soto
Mayara Priscilla de Jesus dos Santos
Alan Apurinã
Fabrice Kopoholo Senakpon

PROJETO GRÁFICO

Camila Vincci

Era Uma Vez...
BRASIL



Patrocínio:



Lei de Incentivo à
CULTURA



GRUPO MOURA



LWART
SOLUÇÕES AMBIENTAIS



RTE RODONAVES

Realização:



Pedra Agroindustrial S/A

YAMANAGOLD



Origem

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO